



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**



**APRENDENDO NA RODA DA VIDA: PROCESSO EDUCATIVOS EM UMA
OFICINA PEDAGÓGICA DE CAPOEIRA NA PERSPECTIVA DA VIVÊNCIA DO
EDUCADOR**

Bárbara Cristina Frassetto Cangiani

Orientadora: Profa. Dra Aida Victoria Garcia Montrone

Programa de Pós-Graduação em Educação - UFSCar

Linha de Pesquisa: Práticas Sociais e Processos Educativos

Eixo: Educação e Humanização

São Carlos -SP

Fevereiro de 2023



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**



**APRENDENDO NA RODA DA VIDA: PROCESSO EDUCATIVOS EM UMA
OFICINA PEDAGÓGICA DE CAPOEIRA NA PERSPECTIVA DA VIVÊNCIA DO
EDUCADOR**

Bárbara Cristina Frassetto Cangiani

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos, ao exame de Defesa, como parte das exigências para obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Práticas Sociais e Processos Educativos.

Orientadora: Profa. Dra. Aida Victoria Garcia Montrone

São Carlos - SP

Fevereiro de 2023

A presente dissertação é um trabalho desenvolvido na Linha de Pesquisa “Práticas Sociais e Processos Educativos”, cadastrado na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) desde 1997.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Educação

Folha de Aprovação

Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Bárbara Cristina Frassetto Cangiani, realizada em 28/02/2023.

Comissão Julgadora:

Profa. Dra. Aida Victoria Garcia Montrone (UFSCar)

Prof. Dr. Paulo Henrique Leal (IFSP)

Profa. Dra. Denise Aparecida Correa (UNESP)

O Relatório de Defesa assinado pelos membros da Comissão Julgadora encontra-se arquivado junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação.

Este trabalho é dedicado às grandes mulheres da minha vida:
À minha avó Angelina Setten Frassetto,
À Maria Helena Barbosa e Silva (Tia Leninha) (*in memoriam*),
À Neusa Conceição Domingues (Dona Neusa) (*in memoriam*),
e à Gentila Iolanda da Silva Frare (Dona Gentila) (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, Nossa Senhora Aparecida e Santa Bárbara, por atenderem minhas orações em todos os momentos de alegria e tristeza.

Ao meu melhor amigo, meu noivo e futuro marido, meu querido Guilherme, por todo companheirismo em todos os momentos, por cada etapa que vibramos em comemoração, por cada lágrima de aflição, por cada ressignificação que tivemos juntos.

À professora Victoria, minha querida orientadora, por ter me dado a oportunidade de desenvolver essa pesquisa e acreditado em minha capacidade, pelo seu apoio, por me acalmar em momentos de desespero, pelas nossas conversas e aprendizados, sempre com muito carinho e diálogo.

Ao educador R., que me recebeu de braços abertos para que esta pesquisa fosse possível e compartilhar sua experiência na oficina de Capoeira no Núcleo de Apoio Pedagógico “Guido Dante” e da importância fundamental que a Capoeira teve e tem em sua vida.

Ao grupo de estudos, Anna, Miriã, Thales e Robson, por todas as nossas conversas, textos debatidos e aprendizados juntos e juntas que colaboraram para o desenvolvimento desta pesquisa.

À linha de pesquisa “Práticas Sociais e Processos Educativos”, ao professor Luiz e as professoras Waldenez, Ilza e Elenice por todos os aprendizados desde 2018, ao ter um olhar sultador e esperar na Educação.

Ao meu irmão Júnior, que jamais me desamparou e me apoiou em todos os momentos.

À banca de qualificação do mestrado, professora Denise Aparecida Côrrea e professor Paulo Henrique Leal que contribuíram ricamente para a aperfeiçoar esta dissertação para a defesa e pelos ensinamentos.

À minha amada avó Angelina, a quem dedico este trabalho, que em sua simplicidade, viveu toda a sua vida pela família e cuidou de mim nos melhores e piores momentos de minha vida.

À Dona Neusa, minha adorada professora de História, que foi minha inspiração para ser professora de História. Com o seu jeito único, me fez amar incondicionalmente a História e espero que um dia, possa inspirar alguém como ela me inspirou.

À Dona Gentila, historiadora e diretora do Museu “Gustavo Teixeira”, que lutou por toda a sua vida pelo direito de todos e todas as crianças terem uma Educação digna, hoje se tornou símbolo na Educação no município de São Pedro-SP.

À Tia Leninha, que sempre será lembrada com muito amor e carinho pela pessoa extraordinária e educadora magnífica. Seu legado permanecerá.

Por fim, a todos os alunos e todas as alunas das minhas turmas, por todo carinho e torcida por mim sempre.

RESUMO

O contexto do surgimento da Capoeira está fortemente relacionado com a resistência de negros e negras escravizados nas lutas contra a opressão social e cultural. Atualmente ela persiste como meio de preservação e resistência das raízes históricas, culturais e sociais afro-brasileiras. O objetivo da pesquisa foi compreender e analisar os processos educativos desenvolvidos na prática social da oficina pedagógica de Capoeira, no Núcleo de Apoio Pedagógico “Guido Dante” na cidade de São Pedro-SP, na perspectiva da vivência do educador. Tratou-se de uma pesquisa qualitativa descritiva com o educador, acerca da sua perspectiva de vivência nas atividades da oficina de Capoeira. O educador possui graduação em Educação Física, e tem vivência com a Capoeira desde a sua infância e atuou no Núcleo de Apoio Pedagógico entre os anos de 2014 e 2018. Para a coleta de dados, foram realizadas duas entrevistas reflexivas feitas por meio de encontros remotos pela plataforma *Google Meet* nos meses de novembro de 2021 e março de 2022 por meio da metodologia comprometida com a postura humanizadora de propiciar o diálogo entre pesquisadora e participante. Na análise de dados, foi utilizado o método hermenêutico-dialético proposto por Minayo (2014), e foram elencadas as seguintes categorias: “A Capoeira é minha vida”, relacionada ao a significação da Capoeira e sua influência para a relação dialógica entre educador-educandos-educandas e para a construção de relações de integração e cooperatividade na oficina pedagógica. A categoria “Mas por que só perto do dia dos pretos?” está relacionada as denúncias pela falta de apoio político e financeiro e também a resistência do educador perante a opressão eurocêntrica e desvalorização da Capoeira, sobretudo durante o mês de novembro, dedicado a consciência negra no ambiente escolar. A pesquisa mostrou que dentro da prática social da oficina pedagógica de Capoeira se desenvolvem processos educativos relacionados a respeito, diálogo educador-educandos-educandas, estabelecimento de relações de cooperatividade e integração e que a perspectiva do educador através de reflexão crítica da realidade se faz resistente contra a opressão eurocêntrica com a cultura afro-brasileira.

Palavras-chave: Processos educativos; Oficina pedagógica; Capoeira; Educador.

ABSTRACT

The context of the emergence of Capoeira is strongly related to the resistance of black men and women enslaved in the struggle against social and cultural oppression. Currently, it persists as a means of preserving and resisting Afro-Brazilian historical, cultural and social roots. The objective of the research was to understand and analyze the educational processes developed in the social practice of the Capoeira pedagogical workshop, at the Pedagogical Support Center “Guido Dante” in the city of São Pedro-SP, from the perspective of the educator's experience. It was descriptive qualitative research with the educator, about his perspective of experience in the activities of the Capoeira workshop. The educator has a degree in Physical Education and has experience with Capoeira since childhood and worked at the Pedagogical Support Center between 2014 and 2018. For data collection, two reflective interviews were carried out through online meetings. by the *Google Meet* platform in the months of November 2021 and March 2022 through a methodology committed to the humanizing posture of promoting dialogue between researcher and participant. In the data analysis, the hermeneutic-dialectical method proposed by Minayo (2014) was used, and the following categories were listed: “Capoeira is my life”, related to the meaning of Capoeira and its influence on the dialogical relationship between educator- students and for the construction of integration and cooperative relations in the pedagogical workshop. The category “But why only close to black people’s day?” it is related to complaints about the lack of political and financial support and also the educator's resistance to Eurocentric oppression and the devaluation of Capoeira, especially during the month of November, dedicated to black awareness in the school environment. The research showed that within the social practice of the Capoeira pedagogical workshop, educational processes related to respect, educator-students-students dialogue, establishment of cooperative and integration relationships are developed and that the educator's perspective through critical reflection of reality becomes resistant against Eurocentric oppression with Afro-Brazilian culture.

Keywords: Educational processes; Pedagogical workshop; Capoeira; Educator.

RESUMEN

El contexto de surgimiento de la Capoeira está fuertemente relacionado con la resistencia de hombres y mujeres negros esclavizados en la lucha contra la opresión social y cultural. Actualmente, persiste como medio de preservación y resistencia de las raíces históricas, culturales y sociales afrobrasileñas. La investigación tuvo como objetivo comprender y analizar los procesos educativos desarrollados en la práctica social del taller pedagógico de Capoeira, en el Centro de Apoyo Pedagógico “Guido Dante” en la ciudad de São Pedro-SP, en la perspectiva de la experiencia del educador. Fue una investigación cualitativa descriptiva con el educador, sobre su perspectiva de experiencia en las actividades del taller de Capoeira. El educador es licenciado en Educación Física, tiene experiencia con la Capoeira desde pequeño y trabajó en el Centro de Apoyo Pedagógico entre 2014 y 2018. Para la recolección de datos, se realizaron dos entrevistas reflexivas a través de encuentros en línea por la plataforma Google Meet en los meses de noviembre de 2021 y marzo de 2022 a través de una metodología comprometida con la postura humanizadora de promover el diálogo entre investigador y participante. En el análisis de los datos, se utilizó el método hermenéutico-dialéctico propuesto por Minayo (2014), y se enumeraron las siguientes categorías: “Capoeira es mi vida”, relacionada con el significado de la Capoeira y su influencia en la relación dialógica entre educador-alumnos y para la construcción de relaciones de integración y cooperación en el taller pedagógico. La categoría “¿Pero por qué solo cerca del día de los negros?” está relacionado con denuncias por la falta de apoyo político y financiero y también por la resistencia de los educadores a la opresión eurocéntrica y a la devaluación de la capoeira, especialmente durante el mes de noviembre, dedicado a la conciencia negra en el ámbito escolar. La investigación mostró que dentro de la práctica social del taller pedagógico de Capoeira se desarrollan procesos educativos relacionados con el respeto, el diálogo educador-alumnos-alumnos, el establecimiento de relaciones de cooperación e integración y que la mirada del educador a través de la reflexión crítica de la realidad se torna resistente frente a la opresión eurocéntrica, con la cultura afrobrasileña.

Palabras llave: Procesos educativos; Taller pedagógico; Capoeira; Educador.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	12
CAPÍTULO 1 – PRÁTICAS SOCIAIS E PROCESSOS EDUCATIVOS.....	15
CAPÍTULO 2 – DO CONTINENTE AFRICANO AO BRASIL: A CAPOEIRA	23
CAPÍTULO 3 – CAPOEIRA E ESCOLA	29
CAPÍTULO 4 – METODOLOGIA	34
CAPÍTULO 6 – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	50
REFERÊNCIAS.....	52
APÊNDICES	56
ANEXOS.....	77

LISTA DE SIGLAS

UNIMEP – Universidade Metodista de Piracicaba

PPGE – Programa de Pós-Graduação em Educação

UFSCar – Universidade Federal de São Carlos

EMEB – Escola Municipal de Ensino Básico

NAPE – Núcleo de Apoio Pedagógico

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

UNESCO – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação

UNIP – Universidade Paulista

APRESENTAÇÃO

“Tia, você saiu do Guido [EMEB¹ “Guido Dante”], mas ele não saiu de você”
(Aluno do Núcleo de Apoio Pedagógico “Guido Dante”).

A Educação sempre fez parte da minha vida. Na infância, minha mãe foi diretora de uma escola da rede pública num bairro da zona rural de Piracicaba, interior do estado de São Paulo. Todos os dias ia para a escola para as aulas no período da manhã e voltava para casa somente à noite junto com a minha mãe.

Nos horários vagos, passava horas na biblioteca ou nas salas de aula fazendo tarefas na companhia de professoras e funcionárias, brincando, ouvindo, participando e vivenciando a escola. Cresci admirando os professores e as professoras, e via diariamente a luta pela Educação e a dedicação ao ensino.

Tenho recordações carinhosas e inspiradoras de vários professores, em especial a delicadeza da voz e do violão da professora Evani, o jeito divertido do professor Victor, as aulas emocionantes de História do Brasil da professora Andrea, a paixão pela História da Arte da professora Marise e das incríveis aulas de Brasil República da professora Neusa.

Durante a graduação em licenciatura em História na Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP), voltei meus estudos para a área da Educação e logo iniciei a carreira profissional como docente. Trabalhei como docente temporária na rede pública do Estado de São Paulo nas cidades de Piracicaba-SP, Santa Maria da Serra-SP e São Pedro-SP, onde moro.

Motivada pelo desconforto da realidade e das dificuldades da docência na educação pública, busquei compreender as possibilidades de mudanças e de transformações na Educação. Me inscrevi e cursei como aluna especial no 2º semestre de 2018 na disciplina de Estudos em Práticas Sociais e Processos Educativos II do Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal de São Carlos (PPGE-UFSCar).

No início do ano de 2019 fui chamada para atuar como docente temporária da disciplina de História para o Ensino Fundamental II na Escola Municipal de Ensino Básico (EMEB) “Guido Dante”, na qual tive os primeiros contatos com alunos e alunas e com o educador e educadoras que integram o Núcleo de Apoio Pedagógico (NAPE) “Guido Dante”.

A EMEB “Guido Dante” é uma escola periférica do município de São Pedro-SP, que atende crianças e jovens entre 6 e 15 anos cursando o Ensino Fundamental I e II residentes nos

¹ Escola Municipal de Ensino Básico

bairros São Dimas, São Tomé e Horto Florestal. O Núcleo de Apoio Pedagógico “Guido Dante” faz parte da Unidade Escolar “Guido Dante” (EMEB e NAPE), e funciona através do Programa Mais Educação, de Educação Integral em Tempo Integral, com aulas de apoio pedagógico de Língua Portuguesa e Matemática e oficinas pedagógicas de Capoeira, artesanato, dança e circo no contraturno do horário escolar dos alunos e das alunas.

No mesmo semestre, ao cursar a disciplina Estudos em Práticas Sociais e Processos Educativos I como aluna ouvinte, realizei o Relatório de Inserção de Campo para a disciplina no NAPE, pois na convivência do cotidiano na EMEB “Guido Dante”, durante as aulas e conversas com alunos e alunas, esses e essas me contavam com empolgação sobre atividades no NAPE. Me questionei acerca do papel do NAPE para tais crianças e jovens, como se davam as aulas e oficinas no cotidiano, a relação educadores(as)-educandos(as) e os processos educativos.

Durante as inserções nas aulas da oficina pedagógica de Artesanato (escolhida pela proximidade com a educadora) me interessei pela oficina de Capoeira, talvez pela ansiedade e animação dos jovens para novos movimentos nas conversas ou no som das risadas vindo da sala onde eram realizadas as atividades de Capoeira.

Minha experiência na EMEB “Guido Dante” foi breve, entretanto, o carinho, a simplicidade e o companheirismo permaneceram e deixaram marcas que acredito que nunca esquecerei.

A iniciativa ao me inserir no NAPE para inicialmente realizar um trabalho, me trouxe a esta pesquisa. Como um jovem integrante do NAPE me disse uma vez: “Tia, você saiu do Guido (EMEB “Guido Dante”), mas ele não saiu de você”, pois eu deixei de lecionar na escola, mas o impacto que ela e toda a comunidade escolar teve em minha vida foi transformador.

Em 2020, por conta da pandemia do COVID-19 as atividades do NAPE foram suspensas sem previsão de retorno. Inicialmente, a proposta de pesquisa seria realizar inserções nas atividades com uma turma da oficina pedagógica de Capoeira junto ao educador, entretanto, com as atividades suspensas e a dificuldade de contato com as crianças e jovens participantes do NAPE, foram feitas algumas mudanças na pesquisa.

Assim, considero que a escolha do tema da pesquisa teve uma forte influência pessoal, pela experiência na escola, com alunos e alunas e educadores e educadoras, e também no aspecto acadêmico, a partir do entendimento que em toda prática social há processos educativos (OLIVEIRA *et al.*, 2014), acredito que dentro da prática social da oficina pedagógica de Capoeira no NAPE há processos educativos que ensinam valores e processos de aprendizagens

culturais e simbólicas através da vivência da Capoeira, tais como o respeito, o diálogo, a cooperação e a resistência que são necessários serem estudados e valorizados.

Tendo como questão de pesquisa “Que processos educativos se desenvolvem na oficina pedagógica de Capoeira no Núcleo de Apoio Pedagógico ‘Guido Dante’?”, esta pesquisa objetivou compreender e analisar os processos educativos desenvolvidos na prática social da oficina pedagógica de Capoeira na perspectiva da vivência do educador.

Nesta dissertação, o primeiro capítulo *Práticas Sociais e Processos Educativos* é dedicado a discussão do que são práticas sociais e processos educativos articulados com educação, eurocentrismo, colonialismo e colonialidade, exterioridade e transmodernidade. O segundo capítulo, *Do continente africano ao Brasil: a Capoeira* aborda as raízes históricas da Capoeira e sua relação com a resistência negra contra a escravidão, bem como a representatividade da Capoeira na cultura afro-brasileira. O terceiro capítulo *Capoeira e escola* estabelece a presença da Capoeira no ambiente escolar e suas possibilidades para o ensino das relações-étnico raciais.

Em *Caminhos metodológicos* são apresentados a metodologia utilizada neste trabalho além do local de pesquisa, participante e instrumentos de coleta de dados. Na seção *Resultados e discussões* são abordadas as categorias elencadas a partir da análise de dados “A Capoeira é minha vida” para as relações entre educador/educandos e educandas, educador/Capoeira e Capoeira/ educandos e educandas e “Mas por que só perto do dia dos pretos?”, na análise da Capoeira como marginalizada perante a sociedade e suas dificuldades de apoio político e financeiro, destacando os resultados obtidos com as discussões da implementação da Capoeira no espaço escolar como uma prática social de resistência, na qual desenvolvem-se processos educativos tais como o respeito, diálogo e desenvolvimento crítico.

CAPÍTULO 1 – PRÁTICAS SOCIAIS E PROCESSOS EDUCATIVOS

Neste capítulo desenvolvemos alguns conceitos referenciais que estudamos na linha de pesquisa em que este trabalho se insere, como: práticas sociais e processos educativos, educação libertadora, eurocentrismo, colonialismo e colonialidade, exterioridade e transmodernidade.

Oliveira *et al.* (2014) partem dos seguintes questionamentos: "Como as pessoas se educam? Onde? Em que relações? Além da escola, em que outras práticas sociais nos educamos?" (p. 29) e definem práticas sociais:

Práticas sociais decorrem de e geram interações entre os indivíduos e entre eles e os ambientes natural, social e cultural em que vivem. Desenvolvem-se no interior de grupos, de instituições, com o propósito de produzir bens, transmitir valores, significados, ensinar a viver e a controlar o viver; enfim, manter a sobrevivência material e simbólica das sociedades humanas (OLIVEIRA *et al.*, 2014, p. 33).

As práticas sociais nos encaminham para a criação de nossas identidades e permitem que os indivíduos e a coletividade se construam. Nelas, as pessoas expõem seus modos de ser, pensar, agir, perceber as experiências produzidas em vivências, estudando problemas e dificuldades, com o objetivo de compreendê-los e solucioná-los (OLIVEIRA *et al.*, 2014).

Ao longo das sociedades por toda história da humanidade, promove-se formação para a vida na sociedade nas práticas sociais por meio de processos educativos que estas desencadeiam, por isso, as autoras e o autor consideram que em todas as práticas sociais, há processos educativos (OLIVEIRA *et al.*, 2014).

Compreendemos que não há uma forma e modelo único de educação e o ensino escolar não é a sua única manifestação. A educação está difusa nas mais diversas práticas sociais, e na maioria delas, não há classes de alunos, livros, professores ou métodos pedagógicos e por muitas vezes, está difundida em situações que parecem serem invisíveis (BRANDÃO, 2007).

O poder da educação está na sua participação no “processo de produção de crenças e ideias, de qualificações e especialidades que envolvem as trocas de símbolos, bens e poderes que, em conjunto, constroem tipos de sociedades” (BRANDÃO, 2007, p. 11).

Entretanto, na construção de sociedades, a educação pode participar para a transformação dos seres humanos de diferentes formas:

A educação pode existir livre e, entre todos, pode ser uma das maneiras que as pessoas criam para tornar comum, como saber, como ideia, como crença, aquilo que é comunitário como bem, como trabalho ou como vida. Ela pode

existir imposta por um sistema centralizado de poder, que usa o saber e o controle sobre o saber como armas que reforçam a desigualdade entre os homens, na divisão dos bens, do trabalho, dos direitos e dos símbolos (BRANDÃO, 2007, p. 10).

Portanto, a educação pode existir como relações de poder para o estabelecimento de sujeitos livres e igualitários, mas também para o estabelecimento de poder e saber e hierarquização social:

Onde um tipo de educação pode tomar homens e mulheres, crianças e velhos, para torná-los todos sujeitos livres que por igual repartem uma mesma vida comunitária; um outro tipo de educação pode tomar os mesmos homens, das mesmas idades, para ensinar uns a seres senhores e outros, escravos, ensinando-os a pensarem, dentro das mesmas ideias e com as mesmas palavras, uns como senhores e outros, como escravos (BRANDÃO, 2007, p. 34).

Para Fiori (2014), a educação e a conscientização estão intrinsecamente ligadas, sendo a educação um processo em que o ser humano se faz continuamente em sua conscientização, no qual deve “educar-se e não de ser educado” (FIORI, 2014, p. 56). A conscientização se desenvolve a partir da práxis transformadora através da educação, ela se conquista, se faz e se refaz em uma tarefa mundana e compromisso pessoal de amor do ser humano.

A educação se faz e se refaz na práxis, e a educação libertadora reforça a mudança e parte das relações dos homens e das mulheres com o mundo, que diferentemente da educação bancária fataliza as situações-limite como imutáveis (FREIRE, 2018).

A educação bancária objetiva a transmissão de conhecimento de forma passiva e acrítica, na qual “conduz os educandos à memorização mecânica ao conteúdo narrado” (FREIRE, 2018, p. 80). Além disso, na educação bancária, os educandos são depositários e o educador depositário, detentor do conhecimento (FREIRE, 2018).

Freire (2018) argumenta que as situações-limite são problemas que devem ser entendidas e superadas, de forma que sejam substituídas pelo ímpeto de transformação e da busca por *ser mais*² pela humanização. Na educação libertadora, o importante é que se lute pela emancipação e pela libertação dos homens e mulheres (e não de objetos) marginalizados e marginalizadas pela sociedade.

É necessária uma revolução de caráter humanizador, que deve ser fundada no diálogo com as massas e tornando-se promotora da qual “toma a sociedade em reconstrução em sua

² Ser mais é a busca constante e permanente do ser humano em sua curiosidade pelo conhecimento de si mesmo e do mundo e na sua luta pela afirmação e conquista de sua liberdade. Segundo Zitzoski (2017, p. 370) “Freire concebe ‘ser mais’ como desafio da libertação dos oprimidos como busca de humanização”.

totalidade, nos múltiplos quefazeres dos homens, como campo de sua ação formadora” (FREIRE, 2018, p. 214). Através desta revolução estabelecida pela educação libertadora, os sujeitos estarão inscritos numa ação de transformação da realidade para a humanização (FREIRE, 2018).

Freire (2019) afirma sobre a impossibilidade da neutralidade do(a) educador(a), “a tarefa da educadora ou do educador seria demasiado fácil se se reduzisse ao ensino de conteúdos que nem sequer precisariam de ser tratados assepticamente e assepticamente ‘transmitidos’ aos educandos” (p. 107). Ensinar é diferente de depositar conteúdos nos alunos, não é um ato mecânico, mas um ato criador e crítico. Portanto, por si só a educação não muda o mundo, mas ela pode estar empenhada na transformação de pessoas, que podem mudar o mundo (FREIRE, 2019).

É necessário valorizarmos a cultura popular e o contexto no qual ela se encontra, pois o ponto de partida do conhecimento do educando é o *seu* mundo, já que se criam no mundo, “‘Seu’ mundo, em última análise, é a primeira e inevitável face do mundo mesmo” (FREIRE, 2019, p. 119).

Portanto, a cultura popular, suas práticas e saberes levam à reflexão crítica almejando o distanciamento da educação bancária opressora, “é a ‘leitura do mundo’ exatamente a que vai possibilitando a decifração cada vez mais crítica da ou das ‘situações-limite’, mais além das quais se acha o ‘inédito viável’” (FREIRE, 2019, p. 147) e afirma que a leitura de mundo acadêmica não pode ser imposta às classes populares. O educador e a educadora em seu exercício não podem abordar a leitura de mundo como forma de silenciar o “saber de experiência feito”.

Os indivíduos participantes das práticas sociais interconectam os processos educativos em diversos espaços pelos quais transitam e se encontram e servem de apoio e referência para novas aprendizagens, incluindo as aprendizagens escolares. Entretanto, os processos educativos não-escolares nem sempre são identificados pelas instituições escolares, e muitas vezes não são reconhecidos como academicamente qualificados ou são considerados marginalizados nos quais “nada se aprende ou que se aprendem habilidades e valores tidos como negativos” (OLIVEIRA *et al.*, 2014, p. 36).

Os processos educativos relacionados à conhecimentos e valores das culturas indígenas, africanas, afrobrasileiras, entre outras, são considerados nas escolas e nas universidades, inferiores, enquanto conhecimentos e valores de matriz europeia são colocados como modelo e padrão único de cultura e humanidade, ou seja, de forma eurocêntrica (OLIVEIRA *et al.*, 2014).

Acreditamos que a prática social da Capoeira desenvolve processos educativos de conscientização e difusão de saberes afro-brasileiros para as relações étnico-raciais, embora seja fortemente desqualificada e marginalizada academicamente pelo eurocentrismo.

Podemos considerar que o eurocentrismo está intrinsecamente relacionado com a missão colonizadora europeia, pois a partir da colonização da Ásia, da África e da América, o colonialismo, o conhecimento europeu foi imposto como superior e os conhecimentos e outros saberes, considerados menores, categorizados como crenças, magia, idolatria e intuição, eram (e são) apropriados somente como matéria-prima para o conhecimento científico eurocentrado, rebaixando-os como "saberes inferiores próprios de seres inferiores" (SANTOS; MENESES, 2010, p.10). Além disso, esse processo de exclusividade do conhecimento à ciência moderna europeia dificulta os diálogos com outros saberes, como os saberes não-científicos, que não são considerados como ciência perante o eurocentrismo.

A epistemologia dominante eurocêntrica pretende a universalidade do conhecimento através de uma intervenção epistemológica e política, econômica e militar do colonialismo e capitalismo, suprimem os povos e culturas não-ocidentais e não-cristãos (SANTOS; MENESES, 2010).

Mesmo após os processos de independência na Ásia, América e África, as relações desiguais e de superioridade causadas pelo colonialismo, agora toma forma de dependência através do capitalismo, "o colonialismo continuou sob a forma de colonialidade de poder e de saber" (SANTOS; MENESES, 2010, p. 12).

A colonialidade é um dos elementos que constituem a sustentação do poder capitalista eurocêntrico, de maneira enraizada, profunda e duradoura. Embora ambos os conceitos estejam relacionados com o sistema capitalista, o colonialismo se configura como uma estrutura de dominação, exploração, autoridade política, controle de recursos de produção e do trabalho de uma população determinada sobre outra população de identidade diferente (QUIJANO, 2010).

O colonialismo é mais antigo que a colonialidade, mas a colonialidade tem se mostrado ser mais profunda. Além disso, a colonialidade surgiu no colonialismo e sem ele não seria possível sua imposição na intersubjetividade do mundo. Se o colonialismo deixou de existir quando a África, Ásia e América deixam de ser colônias da Europa, já a colonialidade surge e permanece como uma forma de manutenção do poder, utilizando-se de diversos recursos para legitimar a dominação (QUIJANO, 2010). Assim, a Capoeira é desqualificada pelo eurocentrismo apoiada pela colonialidade, que perpetua o poder eurocêntrico e justifica os saberes não-europeus como inferiores.

Maldonado-Torres (2010), apoiado nos estudos de Aníbal Quijano e Enrique Dussel, explora acerca da colonialidade do Ser e a colonialidade do poder, sendo esses conceitos que surgiram da relação da modernidade, da colonialidade e do colonialismo, “a relação entre poder e conhecimento conduziu ao conceito de Ser. E se, então, existia uma colonialidade do poder e uma colonialidade do conhecimento (*colonialidad del saber*), pôs-se a questão do que seria a colonialidade do Ser” (p. 415)

A colonialidade do poder, de acordo com Maldonado-Torres (2010), é um modelo de poder moderno que está interligado com a formação racial, o controle do trabalho, o Estado e a produção do conhecimento.

A colonialidade do Ser é marcada por um caráter preferencial de opressão e violência, ligado ao racismo, a exploração capitalista, o controle sobre o sexo e o monopólio do saber, e todos esses aspectos estão relacionados com a história colonial moderna. Assim, compreendemos as raízes do poder colonial e a persistência da colonialidade através da colonialidade do Ser, na qual estabelece relações entre Ser, espaço, história e Império (colonialismo e colonialidade) (MALDONADO-TORRES, 2010).

Para Maldonado-Torres (2010) o ser-colonizado “não resulta do trabalho de um determinado autor ou filósofo, mas é antes o produto da modernidade/colonialidade na sua íntima relação com a colonialidade do poder, com a colonialidade do saber com a própria colonialidade do Ser” (p. 416).

O filósofo Dussel (2005), junto a outros estudiosos latino-americanos, buscou o lugar da América Latina na história, e estabeleceu reflexões acerca do condicionamento da cultura latino-americana à realidade de dominação e exploração a que foi e é submetida, entendendo a necessidade de uma nova abordagem que se libertasse da epistemologia eurocêntrica, que fizesse crítica à modernidade.

Dussel (2005) compreende que a modernidade é como um cone de luz, que coloca parte da cultura, em especial a europeia, sob a luz e a parte que está fora da luz, aquilo que a modernidade exclui, como a cultura latino-americana, é a Exterioridade. Através da Exterioridade, os integrantes que a compõem podem fazer críticas à modernidade e compreender a sua condição de Exterioridade.

A Totalidade busca se apresentar como razão totalizadora, excluindo o Outro e explorando-o. A Exterioridade é esse Outro, “que resiste à totalização instrumental, não é coisa é alguém” (ARAÚJO-OLIVERA, 2014, p. 82). O Outro quando se questiona sobre as causas de seu sofrimento, se descobre oprimido, e se percebe alteridade negada, e passa a negar a negação, articulando comunitariamente um projeto mais democrático, gerando assim a práxis

da libertação. Portanto, a práxis da libertação é um processo permanente que se dá pela participação.

Como uma nova proposta na perspectiva de superação da modernidade, e em uma perspectiva de um projeto democrático que parta da práxis da libertação dos oprimidos, Dussel (2005) propõe a Transmodernidade:

Así el concepto estricto de “trans-moderno” quiere indicar esa radical novedad que significa la irrupción, como desde la Nada, desde Exterioridad alterativa de lo siempre Distinto, de culturas universales en proceso de desarrollo, que asumen los desafíos de la Modernidad, y aún de la Post-modernidad europeo-norteamericana, pero que responden desde otro lugar, other Location (DUSSEL, 2005, p. 17).

Denomina-se projeto transmoderno ao intento libertador que sintetiza essa nova perspectiva, através da valorização das culturas depreciadas pela modernidade, tomando-as como ponto de partida para a crítica a essa realidade e a busca por um desenvolvimento mais acelerado da própria tradição cultural dessas comunidades oprimidas, através do diálogo crítico intercultural, visando a afirmação da alteridade cultural sem hierarquizações entre as culturas (DUSSEL, 2005).

Por isso, partimos de uma linha de pesquisa que aborda os diversos saberes, tais como os saberes originários e afro-brasileiros de uma perspectiva transmoderna como propõe Dussel (2005) e Oliveira *et. al.* (2014) em que não há saberes inferiores e superiores, mas diferentes e sem hierarquias, que devem ser valorizadas no ambiente acadêmico.

A América Latina ao se configurar como Exterioridade do projeto de Modernidade/Colonialidade deve buscar produzir conhecimentos que se libertem dessa perspectiva eurocêntrica, partindo das experiências dos próprios povos que sobreviveram à espoliação material e cultural. Portanto, a práxis da libertação ocorre dentro do potencial humanizador dos oprimidos, através da resistência de suas comunidades à colonialidade do poder e do saber, da ruptura com esse modelo de racionalidade dominante, para a articulação de propostas de um projeto cultural mais democrático. Não é possível pensar em uma verdadeira transformação social sem que se parta do universo dos oprimidos (ARAÚJO-OLIVERA, 2014).

Como forma de combater a colonialidade imposta pelo eurocentrismo, tomar o outro como critério nos leva a refletir sobre a alteridade, uma atitude que se permite olhar a realidade com novos olhos, a do povo oprimido, considerando a sua realidade social e política (ARAÚJO-OLIVERA, 2014).

É necessário comprometermos solidariamente com esses povos oprimidos através de uma postura ético-crítica de construir ciência e humanização pela racionalidade emancipadora, visando identificar e contribuir com a sua práxis libertadora.

O eurocentrismo fortalece a ideologia opressora voltada para as classes populares e compreendemos que é necessário desvelar experiências daqueles e daquelas que estão nas Exterioridades, considerados marginalizados e marginalizadas, desqualificados e desqualificadas e excluídos e excluídas da sociedade e estabelecer diálogos com estes grupos a fim de subordinar a ciência à dignidade humana:

Desde o longo processo educativo levado a cabo nas escolas, entre elas a universidade (portanto, incluída a formação de pesquisadores nela realizada), há marginalização de traços culturais ameríndios e africanos, relegados a um nível inferior, enquanto conhecimentos, valores, referências estéticas, ao passo que formas de pensar de matriz europeia são postas como modelo e padrão único de cultura e humanidade (OLIVEIRA *et al.*, 2014, p. 114).

No contexto da América Latina, cultural, histórica e politicamente, colocamos as práticas sociais e processos educativos da realidade brasileira conscientemente de que nós, brasileiros e brasileiras, somos tomados como seres inferiores e de resistência a tentativas de destruição de nossa integridade pelo eurocentrismo. Por isso, Oliveira *et al.* (2014) afirmam:

Faz-se necessário, portanto, desvelar experiências vivenciadas por aqueles que estão nas exterioridades; subordinar a ciência à dignidade humana, estabelecer diálogos entre diferentes formas de compreensão, precariamente construídas, sobre o que existe ou o que imaginamos que existe (p. 116).

As escolas e universidades da América Latina são ambientes acadêmicos eurocêntricos e colonializados, nos quais sempre se valorizam a cultura e o conhecimento europeu, deixando de lado as filosofias e saberes de outros povos, incluindo do próprio povo latino-americano (DUSSEL, 2005).

Dussel (2005) afirma que o pensamento teórico deve partir da realidade do ser dominado que se torna consciente da sua posição como dominado, e a partir da consciência da lógica de dominação imposta, o ser pode entrar em processo de modificação de sua realidade.

A visão eurocêntrica vê tudo relacionado ao mundo europeu como bom, e, para se superar essa visão, deve-se buscar uma valorização semelhante das culturas ancestrais para que sejam entendidas como SER em oposição aos mecanismos de exclusão (o que não é), diante dos quais surge a resistência (OLIVEIRA; SILVA, 2014).

A resistência é reconhecer os valores e projetos enraizados na experiência de SER latino-americano e para isso, deve-se abrir mão de uma postura individualista de ver o mundo

e se colocar na perspectiva das comunidades que pertencem e fecundam nossas identidades como latino-americanos e latino-americanas. Consideram a valorização da cultura latino-americana e das raízes históricas como política fundamental para a libertação das opressões (OLIVEIRA; SILVA, 2014).

Para lutar contra a dominação, é necessária disposição, vontade e energia para decifrar as realidades em que vivemos. Nesta luta contra a dominação, a educação tem papel fundamental, pois “educar-se implica abrir-se para o mundo, para experiências de conhecer e buscar compreender o que se expõem diante dos olhos” (OLIVEIRA; SILVA, 2014, p. 53).

Oliveira e Silva (2014) consideram que “as pessoas se educam no seio da cultura” (p. 53), sendo que cultura não se compreende como única e universal, mas considerando-se o ser das diferentes culturas, em encontro e interrelação entre si.

Ao fazer-se e refazer-se constantemente, a reflexão e a crítica são necessárias no educar-se, levando a desconstrução de “preconceitos e racismos que ferem e muitas vezes alienam todos que fogem do modelo do que, alguns pretendem, seja o ser humano perfeito” (OLIVEIRA; SILVA, 2014, p. 53).

Portanto, abordaremos os processos educativos desenvolvidos na prática social da Capoeira enquanto resistência da cultura afro-brasileira em contraposição a visão eurocêntrica e na luta contra a dominação epistemológica de saberes.

CAPÍTULO 2 – DO CONTINENTE AFRICANO AO BRASIL: A CAPOEIRA

Neste capítulo, estabeleceremos um panorama da história da Capoeira, do seu surgimento, a resistência negra contra a escravidão, a representatividade da Capoeira na cultura brasileira.

Historicamente, relacionamos o surgimento da Capoeira à escravidão e à resistência dos negros e das negras no Brasil. É incerta a sua origem, porém, baseamos em uma delas, na qual afirma que a Capoeira teria vindo através dos negros e negras escravizados e escravizadas do continente africano e se desenvolvido no Brasil (CAMPOS, 2001).

Por isso, sua origem está atrelada ao continente africano, do qual a elite colonial europeia, apoiada em teorias de supremacia racial, retirou milhões de pessoas de suas terras e tornaram-nas escravizadas para servirem de mão de obra em outros continentes, em especial na América. Este período constituiu a maior diáspora africana da história (NOGUEIRA, 2008).

Durante a viagem transcontinental nos navios, chamados “navios tumbeiros”, os africanos escravizados e as africanas escravizadas passavam semanas em condições precárias de sobrevivência, onde permaneciam nos sujos, apertados e sofridos porões. Aqueles e aquelas que sobreviviam ao trajeto, ao desembarcarem no Brasil, eram separados dos membros de suas etnias, com o objetivo de que os escravizados e as escravizadas não se comunicassem e consequentemente, diminuíssem os riscos de rebeliões.

Distantes de suas terras natais, eram vendidos e vendidas e enviados e enviadas por todo o país para tarefas de todas as naturezas, desde o trabalho manual nas lavouras até as tarefas domésticas. Em uma relação de propriedade, os escravizados e as escravizadas eram obtidos por meio de transações comerciais do tráfico escravagista, estes e estas eram vistos como objetos de posse pertencentes aos seus compradores, sendo assim, por terem sido comprados e compradas, eram coisificados e coisificadas e desumanizados e desumanizadas.

Aliados às questões raciais de inferioridade, os senhores julgavam-se no direito de estabelecer punições e castigos físicos e psicológicos desmedidos e desumanos aos escravizados e às escravizadas. Os castigos tinham como objetivo a garantia de maior produtividade e obediência dos escravizados e das escravizadas em relação às vontades dos senhores, senhoras e feitores. Todos e todas eram punidos e punidas, até mesmo crianças e adolescentes. Comumente, os castigos mais usuais (diários ou semanais) consistiam em surras com chicotes, palmatórias, algemas, máscaras de latão e aprisionamento (RIBEIRO, 2017).

Com tanto sofrimento e condições adversas e precárias para a sobrevivência, os escravizados e as escravizadas passaram a se rebelar contra o sistema imposto a eles. Como não possuíam armas para se defender, movidos pelo instinto natural de preservação da vida, perceberam em seus próprios corpos a capacidade de defesa, além de incorporarem manifestações culturais trazidas da África, como danças, cantigas e movimentos para criar a Capoeira (AREIAS, 1986).

A Capoeira surgiu então a partir de movimentos de resistência à escravidão dos corpos escravizados, movimentos de defesa e ataques, disfarçados de danças e brincadeiras quando estavam na presença dos senhores de engenho e capatazes. Dicotomicamente, ora era divertimento no cotidiano ora era luta no momento oportuno (AREIAS, 1986).

A expressão capoeiragem designa o jogo de Capoeira, mas vai além do jogo corporal, pois também envolve a malícia e a habilidade de manuseio de armas como navalhas, facas e porretes (FONTOURA; GUIMARÃES, 2002; REGO 1968; VIEIRA, 1998).

Tavares (2018) afirma a essência de resistência do surgimento da Capoeira e sua persistência na cultura brasileira:

Corre nas veias da cultura brasileira e latino-americana a inominável experiência da escravidão e a transgressora força de superação. Uma tensão histórica que reverberou no corpo capoeira. Embora vítima de tamanha opressão, o corpo não sucumbiu à morte decretada. Uma contradição instalou-se na história de vida de uma grande parcela da humanidade, do decreto de morte de sua identidade, de sua dignidade foram os negros obrigados a viver para o trabalho pesado das plantações que beneficiaram uma parcela social que se acreditava superior (p. 14).

Por ser um instrumento de resistência contra a opressão da escravidão, a Capoeira era considerada uma prática perigosa aos olhos da sociedade, por isso, ela foi fortemente discriminada, reprimida, marginalizada e até mesmo criminalizada durante o início da República (NOGUEIRA, 2008).

A partir da proclamação da República do Brasil em 1889, a Capoeira passou a ser considerada fora da lei e criminalizada pelo Código Penal da República³, sendo crime passivo de prisão e extradição a quem fosse pego praticando (FONTOURA; GUIMARÃES, 2002).

A perseguição à Capoeira pelo governo republicano pode ser justificada pelo fato de que algumas maltas de Capoeira tinham fortes ligações com os monarquistas e muitos capoeiristas haviam composto a Guarda Negra durante o Império⁴ (GEERVEGHESE, 2013).

³ Decreto nº 847 de 11 de outubro de 1890, artigo 402.

⁴ A Guarda Negra foi formada após a abolição da escravidão, de cunho monarquista era composta por ex-escravos libertos e tinham como objetivo a proteção da Princesa Isabel.

Enquanto ministro do governo Deodoro da Fonseca, o Conselheiro Ruy Barbosa mandou queimar⁵ toda a documentação referente à escravidão negra no Brasil, pois acreditava que era uma mancha na história do país que deveria ser apagada (CAMPOS, 2001).

A partir de sua criminalização, a repressão à Capoeira se intensificou. Nesse período, ela deixou de ser exclusivamente negra e entre os capoeiristas presos, encontravam-se muitos brancos, inclusive europeus, portanto, tornou-se uma cultura de rua, acolhendo todos aqueles que estavam inseridos nesse espaço, como marinheiros, estivadores, comerciantes e até mesmo policiais.

Em contradição à repressão, durante o século XX, o governo republicano buscou afirmar a identidade cultural brasileira, buscando práticas nas quais fossem ressaltadas e afirmadas a brasilidade, por sua vez a Capoeira se encontrava inserida nessas práticas consideradas genuinamente brasileiras. Ao mesmo tempo em que havia perseguições de capoeiras nas ruas, inicia-se um movimento de esportivização da Capoeira, de forma a moralizar e retirar a prática das ruas, assim se tornando um esporte considerado digno de ser praticado pelos brasileiros (GEEVERGHESE, 2013).

Durante este período, duas grandes personalidades foram de extrema importância cultural e histórica que se dedicaram à difusão e valorização da Capoeira: mestre Bimba, criador da Capoeira Regional e mestre Pastinha, criador da Capoeira Angola.

Mestre Bimba (1899-1974) fundou a primeira academia especializada em Capoeira em 1932 no Engenho Velho de Brotas com o nome “Centro de Cultura Física Regional”. Ele combinou a Capoeira com movimentos de outras lutas, como o jiu-jitsu, o boxe e o batuque com o objetivo de torná-la mais eficiente para o combate e retirá-la da marginalização social. Além disso, sistematizou seu ensino com as chamadas sequências de Bimba, que se caracterizam por oito sequências de golpes e contragolpes realizados em duplas com o objetivo de fixação dos movimentos (GONÇALVES JUNIOR, 2009).

A Capoeira se tornou legalizada em 1937 após Mestre Bimba realizar uma apresentação para o então presidente Getúlio Vargas, que se referiu à Capoeira como único esporte genuinamente brasileiro e revogou a lei que criminalizava a prática, assim retirando-a da ilegalidade. A postura de Vargas foi estratégica, considerando o pensamento nacionalista e interesses populistas do período, foi um posicionamento de um governante populista apoiando práticas do povo, no caso, a Capoeira (PEREIRA, 2018).

⁵ Resolução de 14 de dezembro de 1890.

Na Capoeira Regional de Mestre Bimba, tenta-se romper com a imagem do capoeirista desordeiro e marginal, por isso a ênfase estava em afirmar a Capoeira como um esporte de luta marcial, sendo assim, um praticante desportista e disciplinado. Nessa disciplinarização da Capoeira Regional, eram necessárias competição, organização, regras e normas. Segundo Areias (1986), “E foi nesse momento que aconteceu o grande desvio da capoeira como instrumento de manifestação e expressão do indivíduo” (p. 77).

Mestre Pastinha (1889-1981) elaborou a Capoeira Angola visando a preservação do que compreendia como a verdadeira e legítima Capoeira, com raízes africanas, permeada de tradições, ritualidade, ludicidade, teatralidade e musicalidade. Na Capoeira Angola, o ensino e a aprendizagem são baseados na observação dos menos experientes, os aprendizes nos movimentos e gestos dos mais experientes (mestres e mestras) (GONÇALVES JUNIOR, 2009).

O jogo da Capoeira Angola se caracteriza pela execução de golpes de pouca eficiência combativa, sendo mais lentos e baixos, grande utilização das mãos como apoio no chão, dando ênfase ao efeito estético pela exploração do equilíbrio e flexibilidade. Também se prioriza o lado artístico, folclórico, lúdico e musical do jogo (FREITAS, 2006; PEREIRA, 2018).

Mestre Pastinha e Mestre Bimba procuraram caminhos oficiais para que a Capoeira deixasse de ser uma prática marginal oprimida e desqualificada pela sociedade. Entretanto, por possuírem muitas características e estruturas diferentes, estabeleceu-se uma dicotomia entre a Capoeira Angola e a Capoeira Regional, assim, gerando conflitos entre os praticantes. A Capoeira Regional surge para um ambiente de academia, com regras e competições como uma luta marcial, em contraposição, a Capoeira Angola se opunha a esta prática e buscava sua essência nas raízes africanas (GEERVERGHESE, 2013; PEREIRA, 2018).

A Capoeira vem se expandindo pelo mundo todo desde a década de 1960, disseminada em espaços educacionais, culturais e sociais, através de mestres que saem do Brasil para maior reconhecimento da Capoeira (PERTUSSATTI, 2018).

Desde sua origem, foi instrumento de resistência, e assim era uma prática considerada perigosa aos olhos dos opressores, por isso ao longo de sua história foi marginalizada. Atualmente, a Capoeira persiste como meio de preservação e resistência das raízes sociais, históricas e culturais afro-brasileiras (TAVARES, 2018, p. 13):

Concebida, a princípio, como um estranho movimento do corpo escravo, foi criminalizada, submetida à desqualificações e marginalizações, mas cresceu na sociedade brasileira, sem dúvida, como movimento de resistência histórica. Conviveu e convive a capoeira, com um misto de preservação de suas raízes culturais e expropriação por parte dos poderes dominante - que

não conseguindo suprimi-la tentam cooptá-la, para retirar-lhe a força. Contudo, a capoeira está cada vez mais disseminada e presente na marca do corpo e cultura brasileira.

Areias (1986) define a Capoeira como “música, poesia, festa, brincadeira, diversão e, acima de tudo, uma forma de luta, manifestação e expressão do povo, do oprimido e do homem em geral em busca da sobrevivência, liberdade e dignidade” (p. 8).

Podemos afirmar que a Capoeira é uma criação brasileira, com influências africanas, portanto, considerada afro-brasileira. Segundo Rego (1968), oportunamente poderia se disfarçar de dança, mas ela era uma luta, utilizada como prática de defesa dos escravizados e das escravizadas.

Além disso, Geerverghese (2013) considera sobre a Capoeira:

Ela não pode ser considerada apenas luta, pois apresenta elementos artísticos e musicais, não pode ser considerada só dança, pois também possui características tanto marciais quanto esportivas, que fogem ao espaço da dança, não pode ser considerada simplesmente vadiação, pois carrega consigo toda a luta pela liberdade do povo negro, da mesma forma como não pode ser considerada manifestação de resistência apenas, pois carrega consigo uma forte característica de folguedo (p. 10).

A Capoeira é uma expressão artística e cultural, na qual mistura dança, luta, música e jogo, e faz parte do patrimônio cultural afro-brasileiro e enquanto prática social, pode ser compreendida “de uma forma que possibilite e/ou proporciona momentos de encontro e reencontro com as vivências, nas relações e interações que se estabeleceram entre todos(as) no jogo do aprender-e-ensinar” (SILVA; OLIVEIRA, 2015, p. 512).

Atualmente a Capoeira é disseminada e está presente em mais de 150 países, dialogando com diversas culturas mundiais, e significativa representatividade na cultura brasileira, podendo ser considerada como um fenômeno popular cultural mundial. Além disso, é reconhecida como Patrimônio Cultural Brasileiro, reconhecido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) desde 2008, e Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade desde 2014, reconhecida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Sobre o processo de reconhecimento da Capoeira (PERTUSSATTI, 2018, p. 29):

Considerando-se que a Capoeira está presente em mais de 150 países conforme dados oficiais do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) datados do ano de 2007; ou em mais de 160 países, segundo dados recentes da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) datados do ano de 2014; depois de uma década, desde que o IPHAN referendou o “Ofício dos Mestres” e a “Roda de Capoeira”

como bens do patrimônio cultural imaterial do Brasil, cujas titulações de “Patrimônio Cultural do Brasil” ocorreram em 21 de outubro de 2008, tendo como fundamentação o “Parecer 031/08”, de sete (07) de fevereiro de 2008, e o “Inventário para Registro e Salvaguarda da Capoeira como Patrimônio Cultural do Brasil” de 2007, a Roda da Capoeira, espaço democrático para todos(as), também foi referendada como bem do patrimônio cultural, de natureza imaterial da Humanidade, pelo “Comitê Intergovernamental para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial” da UNESCO, em novembro de 2014.

Embora a Capoeira tenha sido criminalizada e submetida como desqualificada e marginalizada, compreende-se como um movimento de resistência histórica e cultural. Por isso, não podemos considerá-la apenas como uma prática corporal, trata-se de uma relação muito mais complexa que vai além da visão dualista de corpo e mente, mas sim que ambos se encontram entrelaçados (TAVARES, 2018).

Trata-se de parte da cultura popular e parte da identidade do povo brasileiro, em especial dos negros africanos escravizados e das negras africanas escravizadas em resistência ao eurocentrismo e permanece na atualidade como uma força de preservação da alteridade dos povos considerados marginalizados pela sociedade. Portanto, cremos que muitos processos educativos estejam permeados na Capoeira, entre seus vários aspectos que se manifestam nela.

CAPÍTULO 3 – CAPOEIRA E ESCOLA

Ao estabelecermos a relação entre a Capoeira e o ambiente escolar, podemos observar que há múltiplas perspectivas de abordagem neste campo. Assim, em todas as sociedades ao longo da história as práticas sociais promoveram a formação para a vida em sociedade por meio de processos educativos, por isso, abordaremos processos educativos desenvolvidos na Capoeira.

No campo educacional, algumas características como a brincadeira, o improviso, a negaça (tentar ludibriar o outro capoeirista) e os desafios musicais ritmados pelos instrumentos dão à Capoeira contribuições para o processo didático-pedagógico. O elemento desafiador é muito importante na manutenção dos níveis de motivação das crianças e podem ter impactos sobre as decisões futuras em relação ao envolvimento com as atividades físicas e práticas esportivas (PALHARES, 2007; HEINE; CARBINATTO; NUNOMURA, 2009).

Arruda (2017) afirma que a dimensão lúdica das atividades, como as brincadeiras oportunizam e potencializam a criatividade de crianças e de suas relações com sociedade e com a cultura, em contrapartida à educação bancária em que tende a objetificar e instrumentalizar os processos educativos.

Por ser legado do povo brasileiro, a implementação da Capoeira nas escolas, universidades, entidades sociais, comunidades, projetos governamentais entre outros espaços torna-se cada vez mais necessária, pois “o capoeirista apresentar-se-ia como uma rica experiência cultural que pode contribuir no processo educacional, inclusive nos ambientes formais de ensino, devido aos seus saberes: rituais, musicalidade, ‘diálogos corporais’ e ‘fundamentos’” (PALHARES, 2007, p. 10).

Freitas (2006) disserta acerca da inclusão da disciplina de Capoeira nas universidades como fundamental para que o futuro professor e a futura professora pudessem obter conhecimento sobre a Capoeira e perceber a sua importância na formação de cidadãos e cidadãs críticos e críticas e responsáveis. O autor afirma: “Portanto, acredito que a Capoeira na escola serve de alicerce para a busca da cultura e de um maior conhecimento do ser humano e da sua relação com a sociedade” (FREITAS, 2006, p. 9).

Pertussatti (2018) afirma que o conhecimento de saberes e fazeres afro-brasileiros, por meio da prática da Capoeira dentro do espaço da educação escolar “pode ser uma oportunidade de impulsionar os processos de afirmação identitária, étnico-racial, de educação patrimonial e de educação intercultural nas escolas” (p. 45).

A roda de Capoeira é impregnada da experiência de mundo do ser, carregada de emoções, sentimentos, intencionalidades e cultura (GONÇALVES JUNIOR, 2009). Areias (1998) afirma sobre a roda de Capoeira:

A roda de capoeira é o palco de comunicação e expressão máxima do capoeirista. Nela se entretém, brinca, se defende, luta, dança, cria e celebra. Nela o capoeirista tem a oportunidade de vivenciar e compartilhar as diversas facetas da sua personalidade, aqui e agora (p. 96-97).

O movimento da roda de Capoeira significa anseios da existência, ressignificações e afirmações de identidade cultural. É um movimento que aponta na perspectiva do cuidado, do respeito e da cooperação. Nela se realiza parte da experiência, aliada a outros elementos que fazem parte da prática da Capoeira (TAVARES, 2018; ARRUDA, 2017). Portanto, enfatizamos o potencial educativo da Capoeira em seus vários aspectos a sua participação no desenvolvimento de processos educativos, sobretudo aqueles relacionados à educação étnico-racial e à valorização do patrimônio cultural afro-brasileiro.

Em 1998, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) indicavam sobre a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro nos objetivos do Ensino Fundamental (BRASIL, 1998, p. 55):

Conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais.

O decreto n. 3551/2000 (BRASIL, 2000) foi responsável por viabilizar projetos de identificação, reconhecimento, salvaguarda e promoção da dimensão imaterial do patrimônio cultural. Anos depois, a Lei 10.639/2003 (BRASIL, 2003) incluiu o tema sobre história cultural afro-brasileira na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, com os seguintes objetivos: “construir práticas educativas respaldadas no reconhecimento, na divulgação e na valorização da cultura e da história afro-brasileira” (GONÇALVES; PEREIRA, 2015b, p. 75).

O mais recente documento diretriz, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) cita a Capoeira apenas uma vez na unidade temática Lutas no componente curricular de Linguagens – Educação Física (MEC, 2017, p. 218):

A unidade temática Lutas focaliza as disputas corporais, nas quais os participantes empregam técnicas, táticas e estratégias específicas para imobilizar, desequilibrar, atingir ou excluir o oponente de um determinado espaço, combinando ações de ataque e defesa dirigidas ao corpo do adversário. Dessa forma, além das lutas presentes no contexto comunitário e

regional, podem ser tratadas lutas brasileiras (capoeira, huka-huka, luta marajoara etc.), bem como lutas de diversos países do mundo (judô, *aikido*, jiu-jítsu, *muay thai*, boxe, *chinese boxing*, esgrima, *kendo* etc.).

Embora haja apenas uma citação específica da Capoeira em todo o documento, sendo apenas no campo de lutas brasileiras, a Capoeira pode ser trabalhada de acordo com as Competências Gerais da Educação Básica (MEC, 2017, p. 9):

Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva. [...]

Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

A Capoeira pode ser ofertada nas escolas públicas através do Programa Mais Educação⁶, no macrocampo “Cultura, Artes e Educação Patrimonial” com os seguintes objetivos (GONÇALVES; PEREIRA, 2015b, p. 84):

Incentivo à produção artística e cultural, individual e coletiva dos estudantes como possibilidade de reconhecimento e recriação estética de si e do mundo, bem como da valorização às questões do patrimônio material e imaterial, produzido historicamente pela humanidade, no sentido de garantir processos de pertencimento ao local e à sua história.

O NAPE “Guido Dante” faz parte do Programa Mais Educação, iniciado em 2007 em abrangência nacional, visando a educação em tempo integral/educação integral no sistema de ensino público brasileiro. Embora o documento do programa não explicita sobre a adesão, é obrigatório a adesão pré-selecionada de escolas com baixo IDEB⁷ e de municípios pequenos e/ou rurais. Além desses pré-requisitos, tem como prioridade alunos/as com defasagem escolar, dificuldades de desenvolvimento acadêmico e de risco de evasão (PENTEADO, 2014).

O ensino em tempo integral com sete horas de permanência do aluno e da aluna na escola de ensino básico visa o seu “desenvolvimento integral emancipador da autonomia do estudante, articulando ações da escola com outras instâncias sociais e locais” (PENTEADO, 2014, p. 469).

São os objetivos do Programa (SOARES, BRANDOLIN, AMARAL, 2017, p. 1060):

⁶ O Programa Mais Educação, criado pela Portaria Interministerial nº 17/2007 e regulamentado pelo Decreto 7.083/10. Mais informações: [Saiba Mais - Programa Mais Educação](#)

⁷ IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) tem como objetivo calcular o fluxo escolar e rendimento e as médias de desempenho do SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica). Mais informações em: [Índice de Desenvolvimento da Educação Básica \(Ideb\)](#).

Estender a jornada escolar e melhor atender às necessidades de cada aluno; reduzir a reprovação e distorção idade/série; combater o trabalho infantil, a exploração sexual e outras formas de violência; desenvolver habilidades cognitivas; promover a cultura e a prática esportiva; aproximar famílias, escola e comunidade.

O Programa Mais Educação está organizado em sete macrocampos que oferecem diversas atividades e oficinas para as escolas: 1 – Acompanhamento Pedagógico; 2 – Comunicação, Uso de Mídias e Cultura Digital e Tecnológica; 3 – Cultura, Artes e Educação Patrimonial; 4 – Educação Ambiental, Desenvolvimento Sustentável e Economia Solidária e Criação/Educação Econômica (Educação Financeira e Fiscal); 5 – Esporte e Lazer; 6 – Educação em Direitos Humanos; 7 – Promoção da Saúde (BRASIL, 2013).

A única atividade obrigatória do Programa é a de orientação de estudos e leitura, mais conhecido como “Apoio Pedagógico” no NAPE “Guido Dante”, além desta atividade, recomenda-se que sejam selecionadas atividades de acordo com a proposta pedagógica da escola, totalizando 4 atividades divididas entre os sete macrocampos (SOARES; BRANDOLIN; AMARAL, 2017).

Portanto, o Programa Mais Educação prevê oficinas de orientações de estudo e leitura e possui autonomia para escolher as demais atividades, sendo possível, dentre elas, a Capoeira (GONÇALVES; PEREIRA, 2015b).

A oficina de Capoeira inclui-se no macrocampo 3, Cultura, Artes e Educação Patrimonial. No Manual Operacional de Educação Integral do Programa Mais Educação, a Capoeira tem os seguintes objetivos (BRASIL, 2013, p. 17):

Incentivo à prática de capoeira como motivação para desenvolvimento cultural, social, intelectual, afetivo e emocional de crianças e adolescentes, enfatizando os seus aspectos culturais, físicos, éticos, estéticos, sociais, a origem e evolução da capoeira, seu histórico, fundamentos, rituais, músicas, cânticos, instrumentos, jogo e roda e seus mestres.

A Capoeira enquanto parte da cultura afro-brasileira contribui para a formação da identidade de crianças e jovens, assim como a formação para a vida em sociedade. Para além de um conteúdo dos componentes curriculares de História, Geografia, Arte, Educação Física, Língua Portuguesa, a Capoeira traz processos educativos relacionados aos saberes ancestrais e das relações étnico-raciais, de reconhecimento e valorização da cultura afro-brasileira que contribuem ricamente para o desenvolvimento de crianças e jovens. A escola é um espaço dinâmico de construção e formação da identidade de crianças e jovens. Portanto, a implementação da Capoeira no espaço escolar se torna extremamente importante, assim, temos

como horizonte os processos educativos desenvolvidos na oficina pedagógica de Capoeira no NAPE “Guido Dante”, ao qual faz parte do Programa Mais Educação.

CAPÍTULO 4 – METODOLOGIA

Comprometemo-nos a pesquisar com (e não sobre) pessoas, grupos e comunidade, para que estes se manifestem sobre suas experiências vividas em uma relação de confiança, respeito, amorosidade e engajamento com a luta pela humanização e uma sociedade mais justa (OLIVEIRA *et al.*, 2014).

Em uma postura humanizadora, o pesquisador e a pesquisadora devem propiciar o diálogo, e compreender que os saberes do participante são diferentes dos saberes profissionais, mas nunca são menos, apenas diferentes. Além disso, é necessário ao pesquisador e à pesquisadora compreenderem que não são externos ao fenômeno estudado, e devem ter um olhar que busque a diversidade, a interculturalidade, a compreensão da realidade concreta e contextualizada (OLIVEIRA *et al.*, 2014).

Entende-se humanização como “ação coletiva fundada no diálogo, na convivência e no respeito para apreender, compreender e valorizar saberes, atitudes, posturas e visões de mundo concebidas por pessoas que vivenciam experiências distintas” (OLIVEIRA *et al.*, 2014, p. 129).

Como Freire (2018) nos ensina, a palavra tem a ver com amor, humildade e humanidade. As palavras, num diálogo humanizante podem colaborar para a transformação do mundo. O fundamento do diálogo é o amor, é o ato criativo, de fé no ser mais, baseado na confiança mútua, levando à superação do pensar ingênuo, promovendo o pensar crítico através do diálogo, “se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens (e mulheres), não me é possível o diálogo” (FREIRE, 2018, p. 111).

Portanto, de acordo com Oliveira et al. (2014, p. 125):

é fundamental para a construção de conhecimentos que considerem a diversidade de visões de mundo das pessoas envolvidas e que, eticamente, as respeitem, diálogo como comunicação entre consciências, intersubjetividade.

O colaborador e a colaboradora não são simples objeto de pesquisa, de forma prescritiva, como “pesquisando”, mas um ser humano em intersubjetividade, no encontro de consciências, por isso, é um participante e uma participante que co-labora para o desenvolvimento desta pesquisa (OLIVEIRA *et al.*, 2014).

Quando nos posicionamos, nos colocamos a favor de alguém/algo e contra outro alguém/algo, assim, nesta pesquisa nos colocamos a favor de uma educação humanizadora e transformadora.

Esta pesquisa se enquadra como uma pesquisa qualitativa e descritiva. Para Bogdan e Biklen (1994), o investigador qualitativo se diferencia porque “o seu objetivo é propositadamente tomar em conta quem são e como pensam, o que aconteceu no curso do seu estudo, e de onde é que as suas ideias surgiram. Eles dedicam-se a registrar esses aspectos de modo a conseguirem um melhor estudo” (p. 167).

4.1 LOCAL DE PESQUISA

O Núcleo de Apoio Pedagógico “Guido Dante” faz parte do Programa Mais Educação que atua de acordo com a Lei nº 9.394/96 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que de acordo com o artigo 34 prevê a perspectiva de Educação Integral em Tempo Integral (BRASIL, 1996):

Art. 34. A jornada escolar no ensino fundamental incluirá pelo menos quatro horas de trabalho efetivo em sala de aula, sendo progressivamente ampliado o período de permanência na escola.

§ 1º São ressalvados os casos do ensino noturno e das formas alternativas de organização autorizadas nesta Lei.

§ 2º O ensino fundamental será ministrado progressivamente em tempo integral, a critério dos sistemas de ensino.

O objetivo do NAPE “Guido Dante” é “ampliar as oportunidades educativas dos alunos, visando à formação de novas habilidades e conhecimentos, pela expansão do período de permanência diária nas atividades promovidas pela escola, por meio de reforço pedagógico e oficinais” (SÃO PEDRO, 2019, p. 2), por isso, a composição curricular se dá em três eixos: Acompanhamento pedagógico (Letramento/Alfabetização e Matemática), Cultura e Arte (Linguagem visual, teatro, música/dança, Circo, Capoeira e Artesanato) e Projeto de Valores/Cidadania (formação cidadã e direitos humanos na escola, na família, na sociedade).

Além do Acompanhamento Pedagógico, têm como abordagem no princípio do “aprender fazendo”, compreendendo os seguintes objetivos (SÃO PEDRO, 2019, p. 3):

- Permite a abordagem de diversas linguagens, promove situações de experimentação, estimula a interatividade e mobiliza as dimensões afetivas e cognitivas de forma simultânea.
- A aprendizagem se dá na interação.
- Respeita a questão individual, mas é realizada no coletivo.

Tem como público os(as) alunos(as) matriculados(as) na Escola Municipal de Ensino Básico “Guido Dante” e como prioridade de vagas aqueles e aquelas que se encontram em

condição de maior vulnerabilidade social e beneficiários do Programa Bolsa Família, ainda alunos(as) que possuam baixo rendimento escolar e alunos(as) em distorção idade-ano (SÃO PEDRO, 2019).

Os turnos são das 8h às 11h40 e das 13h às 16h40, sendo que as crianças e jovens vão no horário contraturno da escola e as turmas são selecionadas de acordo com a faixa etária, sendo cerca de 20 crianças e jovens. Cada turno possui 5 turmas, totalizando 10 turmas. Aproximadamente 50% dos alunos e alunas da EMEB “Guido Dante” fazem parte do NAPE “Guido Dante”, mas há a necessidade de ampliar a oferta de vagas, pois tem lista de espera para matrículas no NAPE (SÃO PEDRO, 2019).

4.2 PARTICIPANTE

O participante desta pesquisa foi o educador da oficina pedagógica de Capoeira por oito anos no NAPE⁸. A escolha se deu pela importância da participação do educador nas atividades desenvolvidas na oficina pedagógica com os alunos e as alunas do NAPE. O educador possui experiência na área da Capoeira desde sua infância e juventude, é graduado em Educação Física pela Universidade Paulista (UNIP), atua como educador físico em academias de musculação, possui uma página na rede social *Instagram* de divulgação e promoção da importância da Capoeira pelo mundo.

O convite para participar desta pesquisa foi realizado inicialmente informalmente por meio de mensagens via *Whatsapp* e posteriormente por *e-mail* com o envio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido⁹. Todos os procedimentos e etapas da pesquisa foram compartilhadas com o colaborador para o desenvolvimento da pesquisa em diálogo e comunhão de saberes.

⁸ O educador trabalhou no NAPE entre os anos de 2015-2018, sendo um dos responsáveis pela implementação da oficina de Capoeira. Em 2019, a oficina foi assumida por um educador que seria o participante da pesquisa inicialmente, entretanto, por motivos pessoais, este não pôde participar. Por intermédio de uma integrante da comunidade em contato com a pesquisadora, um participante foi indicado, que aceitou a proposta de participação e colaboração na pesquisa.

⁹ Documento disponível no Apêndice 1.

4.3 COLETA DE DADOS

Foram utilizados como instrumento de coleta de dados as entrevistas reflexivas, nas quais foram realizadas duas entrevistas com o educador da oficina pedagógica de Capoeira¹⁰. As entrevistas reflexivas foram escolhidas como instrumento de coleta de dados pois consideram o contexto e a reflexão das perguntas para gerar uma narrativa de diálogo e permitem o processo de retorno e de problematização, que pode transformar o olhar dos envolvidos na pesquisa, “reflexividade tem aqui também o sentido de refletir sobre a fala de quem foi entrevistado, expressando a compreensão dela pelo entrevistador e submeter tal compreensão ao próprio entrevistado” (SZYMANSKI, 2004, p. 15).

Szymanski (2004) afirma a utilização da entrevista reflexiva como instrumento de coleta de dados, no qual “tem sido empregado em pesquisas qualitativas como uma solução para o estudo de significados subjetivos e de tópicos complexos demais para serem investigados por instrumentos fechados num formato padronizado” (p. 10).

As entrevistas reflexivas se diferenciam de outros métodos de entrevistas, tais como as entrevistas semiestruturadas pois objetivam a reflexão no participante para a resposta das perguntas.

As entrevistas ocorreram entre os meses de novembro de 2021 e maio de 2022, por meio de encontros *online* no *Google Meet* com duração entre 45 minutos à 1 hora, aproximadamente. Durante os encontros houve poucos momentos de instabilidade e interrupção que foram solucionados rapidamente, mas não interferiram no andamento das entrevistas.

Mediante a autorização do educador, as entrevistas foram gravadas em vídeo e foram acessadas somente pela pesquisadora e todo o material gravado foi utilizado somente para a transcrição das entrevistas¹¹. Além disso, o educador teve acesso às entrevistas transcritas e concordou com todas as suas respostas.

Após a transcrição e análise de dados, as gravações em vídeo foram excluídas, portanto, as imagens e o nome do participante não serão utilizados publicamente ou compartilhadas, a fim de preservar sua identidade e integridade, como consta no Termo de Consentimento Livre

¹⁰ O roteiro utilizado se encontra no Apêndice 2.

¹¹ As transcrições das entrevistas se encontram no Apêndice 3.

e Esclarecido (TCLE) aprovado no parecer n. 5.012.202 do Comitê de Ética de Pesquisa (CEP)¹².

As questões foram elaboradas com base no objetivo da pesquisa e foram o ponto de partida para a fala do participante. Tais questões tiveram como foco a experiência pessoal e profissional do educador com a Capoeira e o NAPE, a fim de desencadear o processo reflexivo objetivado com o instrumento de coleta de dados.

Foi utilizado o método proposto por Minayo (2014) denominado “método hermenêutico-dialético” na etapa da análise de dados da pesquisa. Tal método compreende a fala do sujeito da pesquisa a partir de seu contexto da realidade.

A proposta do método tem dois níveis de interpretação: No primeiro nível de interpretação, realizado durante a fase exploratória da pesquisa uma contextualização da realidade, ou seja, uma contextualização social, política e histórica do grupo dos sujeitos da pesquisa. No segundo nível de interpretação, foi realizado o encontro dos fatos que surgiram durante a investigação, portanto, neste nível, a análise é o ponto de partida e o ponto de chegada (GOMES, 1994).

Podemos apresentar da seguinte maneira a operacionalização da análise dos dados (MINAYO, 2014):

Primeira etapa: ordenação de todos os dados obtidos na coleta, através dos diários de campo das entrevistas transcritas. Na busca pela coerência interna das informações “o material escrito necessita ser cuidadosamente analisado: frases, palavras, adjetivos, concatenação de ideias, sentido geral do texto” (MINAYO, 2014).

Segunda etapa: classificação dos dados através da leitura, a fim de identificar estruturas relevantes e estes dados colocados em categorias. As categorias foram elencadas de acordo com a comparação de categorias gerais propostas na fase exploratória da pesquisa e duas categorias específicas, sendo elas “A Capoeira é minha vida” e “Mas por que só perto do dia dos pretos?”, propostas a partir da análise de dados.

Segundo Minayo (2014, p. 358):

No processo classificatório, o pesquisador separa temas, categorias ou unidades de sentido, colocando as partes semelhantes juntas, buscando perceber as conexões entre elas e guardando-as em códigos ou gavetas. Terminado este primeiro esforço em que muitas “gavetas” foram abertas, o pesquisador parte para uma segunda tarefa, fazendo um enxugamento de suas classificações; agrupando tudo em número menor de unidades de sentido e

¹² Documento disponível no Anexo 1.

buscando compreender e interpretar o que foi exposto como mais relevante e representativo pelo grupo estudado.

Terceira etapa: por fim, na análise final, estabeleceu-se as articulações entre os dados e os referenciais teóricos da pesquisa com base nos objetivos e na questão de pesquisa.

CAPÍTULO 5 – RESULTADOS E DISCUSSÕES

No intuito de responder a questão de pesquisa “Que processos educativos se desenvolvem na oficina pedagógica de Capoeira no Núcleo de Apoio Pedagógico ‘Guido Dante’?”, e assim atingir o objetivo de compreender e analisar os processos educativos desenvolvidos na prática social da oficina pedagógica de Capoeira na perspectiva da vivência do educador, a análise dos dados permitiu elencar duas categorias temáticas: “A Capoeira é minha vida” e “Mas por que só perto do dia dos pretos?”.

A categoria “A Capoeira é minha vida” traz aspectos da significação da Capoeira na vida pessoal e profissional do educador, assim influenciando para a relação dialógica com os educandos e educandas, fundado no respeito e confiança, também como para a construção da integração e cooperatividade entre educandos e educandas na oficina pedagógica.

E a categoria “Mas por que só perto do dia dos pretos?” apresenta a resistência como processo educativo perante a opressão eurocêntrica com a Capoeira no campo da Educação.

A seguir, apresentamos os resultados obtidos e suas análises em cada uma das categorias:

“A CAPOEIRA É MINHA VIDA”

A categoria foi elencada a partir da relação com a Capoeira, tanto com o educador como com os educandos e as educandas e sobre a influência do significado da Capoeira para o educador no desenvolvimento de suas atividades na oficina.

A primeira pergunta trazia o significado da Capoeira para o educador, esta questão desencadeadora foi elaborada para iniciar a entrevista de forma de abordar e compreender a visão do educador sobre esta prática.

Para ele, o significado da Capoeira e o significado de sua vida se fundem, demonstrando a ampla e intensa importância, retomando desde o início de suas atividades até o papel fundamental para a escolha na graduação e profissão escolhida. Portanto, a partir dessa resposta, podemos compreender a importância da Capoeira na vida pessoal e profissional do educador, nas quais a Capoeira se faz presente de forma intrínseca:

R.¹³: Nossa, a Capoeira é minha vida (risada tímida) Desde... Eu não me conheço sem ela, né. Praticamente eu comecei ela desde pequenininho, já veio

¹³ A letra R foi utilizada para referenciar o participante da pesquisa. A letra foi escolhida aleatoriamente.

da minha família a Capoeira e de lá para cá, não vivo sem ela. Ela é minha vida, é filosofia de vida para mim. Tudo o que eu tenho hoje é graças a Capoeira (Entrevista 1, p. 2).

R.: Ah, não tem como separar ela né. Ela é minha vida. Tudo... Não teria como... Hoje eu estou na universidade graças a Capoeira, estou terminando, termino esse ano Educação Física. Faço Educação Física por causa da Capoeira e até mesmo para ter mais oportunidades (Entrevista 1, p. 2).

R.: De fato, ela mudou tudo. Até minha família falava “você só pensa em Capoeira e Capoeira”, hoje eles dão graças a Deus. É graças a ela que eu recebo (financeiramente), que eu recebo na minha página vídeos do mundo todo, que eu vendo minhas roupas de Capoeira (Entrevista 1, p. 8).

A origem de sua relação com a Capoeira tem como inspiração um tio, praticante de Capoeira que ensinou a ele os conhecimentos da Capoeira.

R.: Então, praticamente, meu tio era da Capoeira e ele sempre me ensinou, mas eu comecei mesmo em academia com 8 anos (Entrevista 1, p. 2).

Silva (2010) aborda o processo de aprendizado de uma pessoa mais experiente para com uma pessoa menos experiente, no qual o aprendizado envolve respeito atencioso da pessoa menos experiente com a mais experiente, geralmente mais velha, que se dispõe a ensinar. Abib (2006) também afirma que a convivência entre o mestre e o aprendiz é um fator que auxilia o processo de aprendizagem da Capoeira. Para o educador, seu tio foi a figura fundamental, mais experiente e mais velho que o auxiliou, guiou e ensinou inicialmente na Capoeira, pela tradição oral, muito característica da Capoeira e da cultura afro-brasileira.

O educador abordou que a presença da Capoeira em sua vida pessoal teve uma importância imprescindível para que não tivesse envolvimento com drogas:

R.: Se não fosse pela Capoeira, eu estaria no mesmo caminho que alguns deles, (nas drogas). Eu não sei o que seria de mim sem a Capoeira (Entrevista 1, p. 8).

Silva (2010) afirma “Só se torna educado quem se vale da educação para progredir no tornar-se pessoa, o que implica fazer parte da comunidade” (p. 186), portanto, o educador como parte da comunidade inserido por seu tio, se valeu da educação da Capoeira para tornar-se pessoa, e assim, ela torna-se sua vida.

Por conta da sua relação com a Capoeira, o educador vê possibilidades de transformação na vida de um indivíduo, por isso em sua relação com educandos e educandas estabelece laços de confiança e respeito, tanto educador-educandos e educandas como com a comunidade, que procuram para conversar e buscar conselhos:

R: Eu tenho até contato com a família de alguns, quando acontece algo, eles me procuram para conversar para dar uma sossegada neles (crianças e jovens). Essa relação família e Capoeira (Entrevista 1, p. 8).

R.: Sim, de alguns que faziam aula comigo a noite (fora do NAPE). Alguns pais tinham essa confiança de me procurar para conversar e saber se tava tudo bem, com quem o filho tava andando ou o que tava fazendo, para conversar com o filho (Entrevista 2, p. 6).

Além de sua relação com a comunidade, o educador apontou a importância de conversar sobre o respeito e comportamento com as crianças e jovens:

B: O que você acha que seria o mais importante que você ensina e eles aprendem ou vice e versa?

R sinaliza que houve uma falha na conexão e repito a pergunta.

R: Então, eu sempre preguei para eles a parte do... como eu posso te dizer... a parte da vida mesmo, saber entrar num lugar, a sair também, saber respeitar o próximo, para ser respeitado também. Eu pregava bastante disso nas minhas aulas. Até mesmo nos estudos, eu sempre estimulava.

B.: Por que você acha tão importante falar sobre o respeito e o comportamento nas aulas? Na nossa entrevista você falou que você conversava muito com eles sobre isso, sobre como entrar e sair dos espaços, sobre o respeito com as pessoas. Por que você acha tão importante falar sobre isso?

R.: Então, eu trabalhava muito com eles sobre o respeito com os mais velhos, ou no caso das graduações, para entrar numa roda de Capoeira, se tivesse uma pessoa mais graduada, ele não poderia chamar para jogar, é o mais graduado que chama para jogar. Entende? (Entrevista 2, p. 5)

A fala do educador ao abordar temas como o respeito e o comportamento em sociedade, compreendem de processos educativos relacionados ao respeito aos mais velhos e à ancestralidade, presentes na cultura afro-brasileira e na Capoeira.

Nessa relação de confiança e respeito, o educador apontou a forma como trabalhava com determinadas questões na oficina, como o receio das meninas ao realizar saltos. O receio seria motivado pelo estabelecimento da sociedade de que as meninas devem se comportar de forma a não realizar tais movimentos, que seriam considerados inadequados ao comportamento de uma moça. Portanto, o educador exibia vídeos de mulheres praticando Capoeira e conversas para encorajar as meninas a realizar os saltos e outros movimentos, demonstrando a possibilidade de igualdade de gêneros, embora o educador reconheça que ainda há desigualdade de gêneros dentro da Capoeira.

R.: Algumas meninas tinham receio de fazer saltos, mas com o tempo, ia quebrando esse gelo, porque, você vê as mulheres hoje em dia... eu faço parte de um grupo que tem um coletivo que chama “Mulheres da Garoa”, elas tem

uma página no *Instagram* e você vê elas e os vídeos que elas postam, você fica impressionado com as habilidades delas.

B¹⁴.: Então as meninas tinham um certo receio?

R.: Não (concordando), mulher nunca pôde nada, mulher tinha que sentar de perninha fechada, mulher não podia pular, não podia brincar e isso vem até hoje. Ai eu mostrava que elas eram capazes, mostrava vídeos de mulheres jogando para que elas vissem que elas também poderiam fazer, e elas iam criando coragem... (Entrevista 2, p. 4).

Para Fiori (2014), “a verdadeira educação é participação ativa neste fazer no qual o homem se faz continuamente. Educar, pois é conscientizar e conscientizar equivale a buscar essa plenitude da condição humana” (p. 55), portanto, a conscientização é o primeiro passo para a transformação efetiva do homem e da mulher para um novo homem e uma nova mulher. Essa conscientização se prefigura como uma ação transformadora e rejeita a visão espetacular do mundo “refazer-se com autenticidade implica reconstruir o mundo” (FIORI, 2014, p. 58) e como uma tarefa mundana e de compromisso pessoal de amor.

A reconstrução do homem e da mulher se dá na luta contra a dominação e só alcança seus objetivos ao romper com as estruturas de opressão, dando origem ao novo ser humano que “para realizar-se, exige a mediação de um mundo novo: e o mundo novo requer a luz de uma nova constelação de valores, uma nova cultura” (FIORI, 2014, p. 62). Para o filósofo Fiori (2014), a cultura é um aprendizado, e cultura autêntica é conscientização, pois o “o homem se faz, aprendendo a refazer” (p. 67).

Portanto, através da cultura afro-brasileira, a Capoeira, o educador buscava promover o rompimento da opressão causada pelo machismo para a reinvenção e compreensão da possibilidade de que as meninas também são capazes e podem fazer movimentos que os meninos praticam.

Para o educador, a roda, presente em todas as atividades da oficina pedagógica, contém um importante símbolo:

R.: A roda é tudo (risos) É onde rola a energia, onde você se conecta com todos, a musicalidade, ah, é tudo. Não tem como falar da Capoeira sem falar da roda. Tudo, as aulas, as atividades aconteciam todas em roda, todos nós formávamos uma toda. Conversávamos em roda, jogávamos em roda. Ali dentro da roda é onde tudo acontecia e mostrava o seu talento. Ali na roda não tinha o estudado e o não estudado, não tinha o inteligente e o não inteligente, não tinha bagunceiros e bonzinhos. Na roda todo mundo é igual, até mesmo os mais tímidos se soltavam na roda. É transformador o poder da roda da Capoeira. Ao longo do ano, eu via o avanço e desenvolvimento de cada um ali. Até hoje tenho contato com muitos deles, que me mandam mensagem e me chamam de professor (Entrevista 2, p. 8).

¹⁴ A letra B foi utilizada para referenciar a pesquisadora.

O poder transformador da roda apontado pelo educador indica a importância do movimento circular, um dos valores essenciais abordados pela cultura afro-brasileira. Na roda não há diferença entre as pessoas, todos e todas são iguais. Nesse sentido, dentro da roda não havia hierarquia entre educador e educandos e educandas, o que possibilitava uma relação de diálogo.

A principal abordagem do educador em suas atividades, principalmente com as turmas de crianças, embora também apreciada pelos jovens eram as atividades lúdicas, onde através de brincadeiras, integrava educandos e educandas como também aprendiam sobre os fundamentos da Capoeira.

Na medida que o desenvolvimento dos educandos e educandas, as atividades lúdicas diminuía e o foco passava a ser os fundamentos da Capoeira, como instrumentação e movimentos.

De modo geral, as atividades lúdicas eram semelhantes a brincadeiras infantis cotidianas, mas eram introduzidas características da Capoeira, como a ginga e outros movimentos, assim como a presença de personalidades históricas importantes, como mestre Bimba. Para o educador, era uma forma de aprender Capoeira brincando:

R.: Geralmente eu pegava as músicas tradicionais da Capoeira e brincadeiras (do cotidiano) e misturava com Capoeira, então se eu fazia uma amarelinha, colocava Capoeira, então a criança ia pular em um pé e cair de cocorinhas na próxima. Cantava músicas e quando eu parava eles tinham que fazer alguma coisa, tipo um “vivo ou morto”. Eu sempre fazia assim, misturava Capoeira e as brincadeiras tradicionais (Entrevista 2, p. 2).

R.: [...] não precisa ser com crianças que já tenham noção de Capoeira, das técnicas, mas como brincadeiras de aprender mesmo. Eles aprendem brincando, quando veem, já tão tudo fazendo Capoeira (Entrevista 2, p. 3).

R.: Tinha uma também, em cima da figura do mestre Bimba, que eu ensinava para eles que era um dos criadores da Capoeira Regional, criadores não, o criador. Era assim “Bimba ensina eu, ensina eu, ensina eu” ai eles repetiam e eu dizia “Bimba mandou sentar, sentar” e eles tinham que sentar “Bimba mandou deitar, deitar” e eles tinham que fazer, ai eu falava “abraçar” e eles abraçavam. Era bem legal, eles gostavam (Entrevista 2, p. 3).

Segundo o educador, uma característica interessante foi a de que nas atividades não havia parceiros fixos e parceiras fixas, de maneira a estimular a interação entre todos e todas, e evitar a formação de grupos:

R.: Então, eu trabalhava bastante com o lúdico mesmo, brincava bastante para trazer eles para mim. Conforme ia passando, eu aprofundava mais. Eu

trabalhava bastante as danças afro, as histórias da Capoeira, instrumentação (Entrevista 1, p. 4).

R.: No início, nas apresentações eu mesmo tocava, depois eu vi o potencial das crianças e nas atividades físicas, que eram demais e passaram a tocar. Se você ver na minha página, tem vídeos deles tocando e apresentando (Entrevista 1, p. 4).

R.: A Capoeira, como posso dizer, ela não tem essa separação de homem e mulher, meninos e meninas, nas atividades não tinham parceiros fixos, para que todo mundo interagisse com todo mundo na aula (Entrevista 1, p. 4).

B.: Nossa, que legal! E como que os jovens e as crianças entendiam que todos deveriam interagir e que não haviam parceiros fixos? Havia alguma diferença na forma como as meninas jogavam?

R: Não, era tudo igual. Nas minhas aulas e atividades, eu sempre ia trocando os parceiros e nunca podia repetir a pessoa, mesmo para não ter o favoritismo. Tipo, eu falava “mais dois!” e eles trocavam. Tinha uma atividade com matemática que eu fazia que era assim. Eles estavam gingando de frente uns para os outros, ai eu dizia “dois mais dois” e eles tinham que formar um grupo de quatro pessoas, ou “um mais um” e tinham que formar uma dupla. Ai ficava uma coisa bem dinâmica e nunca tinha esse negócio de “eu quero ir com ela ou com ele”, eu não permitia.

B.: E eles entendiam “de boa”?

R.: Sim, tranquilamente (Entrevista 2, p. 3-4).

No quesito perder-ganhar nas atividades, o educador trouxe reflexões sobre todos e todas participarem e terem oportunidades ao longo das atividades, não tendo o aspecto competitivo acirrado entre as crianças e os/as jovens:

R.: As crianças não eram muito competitivas, porque era um jogo mesmo. Até alguns depois foram praticar para competir, um ou outro chegou a ganhar medalhas em competições. Mas eles eram tranquilos, eles sabiam ganhar e perder porque a Capoeira ensina muito disso, que dependendo do dia você pode não estar bem. Perder faz parte (Entrevista 1, p.4).

B: Nas atividades lúdicas, as crianças que perdiam, aceitavam bem, tranquilamente?

R: Aceitavam. Porque a gente sempre dava mais oportunidades, fazia uma rodada só para experimentar. Às vezes tinha um ou outro que ficava emburradinho, mas eles vão aprendendo a perder e a ganhar (Entrevista 1, p. 5).

Cotidianamente nos deparamos com os chamados jogos competitivos. Em um jogo competitivo, joga-se para vencer e derrotar o outro, que estabelece um ganhador, vitorioso e um perdedor, derrotado. Assim, não somente nos jogos, mas ao longo de suas vidas, as pessoas

são instruídas para serem vitoriosas e estarem no chamado caminho do sucesso, superando os outros (BRANDÃO, 2005).

Em contrapartida, temos os jogos cooperativos, que propõem de forma diferente a experiência de um jogo. Nos jogos cooperativos joga-se para vencer com o outro, unindo-se com o outro para a resolução de um problema. Esses jogos tem a distribuição do sentido da diversão entre todos os integrantes, que podem participar e se envolver sem competir, de forma a compartilhar (BRANDÃO, 2005).

Portanto, consideramos as atividades que o educador desenvolvia eram jogos cooperativos, nos quais não buscava um vencer o outro, mas todos juntos compartilhar do jogo e aprender, por isso, não havia parceiros fixos e não havia competitividade entre os educandos e educandas.

“MAS POR QUÊ SÓ PERTO DO DIA DOS PRETOS?”

A categoria “Mas por que só perto do dia dos pretos?” está relacionada às denúncias realizadas e a resistência contra a desvalorização feitas pelo educador nas entrevistas pela falta de apoio político e financeiro ao NAPE e às atividades de Capoeira no município. Na primeira entrevista, o educador cita o desmonte das atividades do Programa da Família, que teve uma importância fundamental para o seu desenvolvimento na Capoeira.

R.: O JAP tinha um trabalho legal, a L., que era diretora do Escola da Família, trazia muitas atividades, e ela dizia que se o Dória entrasse (no governo do Estado de São Paulo), ia acabar. De fato, foi o que aconteceu... (Entrevista 1, p. 7).

No âmbito municipal, o educador pontuou a falta de apoio político para atividades como eventos de graduação, relatou que muitas vezes investiu dinheiro particular para fazer o evento acontecer. Entretanto, muitas vezes a Secretaria de Educação solicitava apresentações em eventos da prefeitura, como desfile cívico no 7 de setembro e eventos culturais do museu da cidade.

O educador solicitava por apoio político a fim de ter reconhecimento da importância da Capoeira e financeira para investir em eventos de graduação para crianças e jovens, pois grande parte não possui condições financeiras para participar. Seu objetivo não era ter visibilidade para si próprio, mas o reconhecimento do potencial das crianças e jovens na Capoeira.

A indignação do educador perante a falta de apoio é acentuada próximo da data do feriado da Consciência Negra, no qual a Secretaria Municipal de Educação solicita apresentações de Capoeira nas escolas municipais e estaduais do município.

R.: Então, faltava muito apoio. Apesar do trabalho ser muito bonito no NAPE, faltava muito apoio, as crianças eram muito talentosas, mas aí a gente pedia para fazer um evento, como a Capoeira é uma arte que tem graduação, a gente pedia para fazer um evento de graduação e às vezes eu tinha que tirar dinheiro do meu bolso para colocar as crianças no evento. Às vezes as crianças queriam que tivessem eventos, uma apresentação e que estivessem presentes (membros da prefeitura, da Secretaria de Educação ou da direção da escola), mas não estavam. Quando a gente precisava deles, nunca podiam e nunca apareciam, mas quando tinha uma atividade de fechamento de ano, chamava quem? O NAPE né. Nunca tivemos um retorno, nunca, nunca, nunca. Nem sei se posso falar isso... (Entrevista 1, p. 8-9).

R.: Então, dentro da Capoeira eu queria mesmo o apoio para campeonatos e graduações, porque a Capoeira é muito rica em si mesma, ela não precisa de um som ou um tatame, na palma mesmo a gente monta uma roda de Capoeira, mas quando eles precisavam da gente, aí eles estipulavam uma data e diziam o que queriam, mas não forneciam ajuda para o que precisávamos. Isso não afetava nos alunos, mas em mim, porque eu queria dar mais, mostrar mais para eles (crianças e jovens). Eu ensinava, mas aprendi muito com eles, alguns até iam na minha casa participar da fabricação dos berimbaus, apoio que eu nunca tive da prefeitura, eu tinha deles, íamos na mata, pegávamos madeira, cabaça e arame para fazer um berimbau, dava um jeito... é isso.

B.: Portanto você busca o apoio financeiro e político?

R.: Claro, tem que ter uma finalidade as atividades. Você via talento “escorrendo” e queria mostrar, levar adiante, mas não tinha como. A gente tá falando de gente da periferia, do São Dimas e São Thomé, o apoio precisaria vir da prefeitura, não só fazer apresentação para gente importante da prefeitura em evento.

B.: E as apresentações tinham finalidade?

R.: Acho que as apresentações eram mais para mostrar que o NAPE estava funcionando, não para valorizar o talento deles (crianças e jovens) e o desenvolvimento, era mais para “fazer bonito”. Chega perto do 20 de novembro e chove convite para fazer apresentação, mas por que só perto do “dia dos pretos”? Por que não convida fora da data e fazer um trabalho legal sobre a história e cultura dos negros? Mas não, são apresentações só para tirar foto e postar na data comemorativa para dizer que fez um trabalho de conscientização da cultura afro e não é bem, assim, sabe, precisa ter significado (Entrevista 2, p. 7-8).

Partindo desta última fala foi denominada esta categoria dada a relevância do questionamento da motivação das apresentações de Capoeira somente no mês de novembro de forma superficial, a fim de somente divulgar fotografias registrando a atividade.

A apresentação como um trabalho pontual pode não obter o objetivo de conscientização como é proposto pelo feriado e a temática do mês de novembro nas escolas, portanto, é necessário que haja um trabalho de conscientização com outras abordagens junto a apresentação de Capoeira, como elementos culturais, artísticos, gastronômicos e linguísticos afro-brasileiros, figuras históricas importantes e pautas sociais relacionados a população negra no Brasil e no mundo.

O educador traz a possibilidade de desenvolver outras atividades em outros meses do ano para a conscientização e valorização história e cultura afro-brasileira, em diferentes perspectivas, diferentemente do documento diretriz da Educação, a Base Nacional Comum Curricular, que cita a Capoeira somente no componente curricular de Educação Física para mencionar tipos de lutas.

De acordo com Santos e Meneses (2010) compreendemos que através do colonialismo, o conhecimento europeu foi colocado como superior em relação a outros saberes, e assim, outros saberes foram considerados inferiores e menores e desconsiderados como ciência.

Através da colonialidade, abordada por Quijano (2010), o eurocentrismo perpetuou mesmo após o fim do colonialismo, os diferentes saberes, como a cultura afro-brasileira e a Capoeira continuaram sendo desqualificados e considerados inferiores.

Ao longo da história da Capoeira, percebemos que ela foi considerada marginalizada e desqualificada pela epistemologia dominante, sendo os avanços de reconhecimento e valorização muito recentes e ainda enfrenta desafios de sua inserção nos ambientes escolares e acadêmicos.

Assim, Dussel (2005) considera que os ambientes escolares e acadêmicos são eurocêntricos, considerando a superioridade do conhecimento europeu. Se observarmos os currículos escolares, grande parte das abordagens dos componentes curriculares são eurocêntricos, em contrapartida que temáticas como a cultura afro-brasileira somente foram introduzidas após a Lei 10.639/2003 (BRASIL, 2003) e muitos saberes continuam invisibilizados.

Dussel (2005) propõe que o pensamento teórico deve partir da realidade do ser dominado que se torna consciente da sua posição como dominado, e a partir da consciência da lógica de dominação imposta, o ser pode entrar em processo de modificação de sua realidade.

Assim, de acordo com Araújo-Olivera (2014), o educador adota uma atitude ético-crítica de se construir ciência, assumindo o compromisso de humanização, através de uma racionalidade emancipadora, como as citações de que se traduzida por uma busca por denunciar

as causas e formas que a dominação, a partir de sua compreensão da realidade, visando identificar e contribuir com a práxis da libertação

A práxis da libertação ocorre dentro do potencial humanizador dos oprimidos, através da resistência de suas comunidades, da ruptura com esse modelo de racionalidade dominante eurocêntrico, para a articulação de propostas de um projeto cultural mais democrático. (ARAÚJO-OLIVERA, 2014).

A resistência do educador está fundada na compreensão de desqualificação, como a denúncia de falta de apoio político e financeiro, bem como sua reflexão crítica contra a opressão e folclorização e propõe possibilidades de desenvolvimento de processos educativos de resistência, valorização e preservação saberes da cultura afro-brasileira, como a Capoeira.

Compreendemos que a resistência motiva o reconhecimento e a valorização, que são indispensáveis para que não se descaracterize e folclorize práticas sociais, tais como a Capoeira.

CAPÍTULO 6 – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Por ser uma criação afro-brasileira, a Capoeira sofreu e ainda hoje sofre historicamente, culturalmente e politicamente como saberes julgados inferiores pela epistemologia eurocêntrica dominante. O reconhecimento e a valorização desses conhecimentos contrapõem tal perspectiva e possibilitam a construção dos conhecimentos numa dinâmica sustentável em que não há saberes ou seres inferiores, mas saberes diferentes de povos diferentes. Devemos olhar para a cultura afro-brasileira e outras culturas que são oprimidas como saberes diferentes que são importantes para o estudo acadêmico e valorizá-las.

A Capoeira se constitui em movimentos históricos e culturais do povo afro-brasileiro e interrelaciona valores de respeito, diálogo, saberes ancestrais e consciência crítica.

Para tanto, a pesquisa mostrou através da fala do participante a importância da Capoeira para sua vida pessoal e profissional e cultivava essa gratidão com a Capoeira através do seu trabalho enquanto educador da oficina de Capoeira.

Sua trajetória de vida se entrelaça com sua experiência profissional de educador, tendo a importante figura de seu tio, uma pessoa mais experiente que o ensinou Capoeira, lembrando a figura de um mestre, mais velho e mais experiente que se dedica a ensinar o menos experiente através dos ensinamentos orais.

Dado sua trajetória pessoal, em sua postura como educador, assume uma posição democrática de relação de respeito e diálogo com educandos, educandas e a comunidade, enquanto pais, mães e responsáveis.

A oficina de Capoeira pode ser considerada um local de multiculturalidade, no qual as culturas, de crianças e jovens crescem juntas a do educador, educandos e educandas, assim, desenvolve processos de aprendizagens dentro de uma perspectiva de uma educação dialógica e libertadora.

Podemos afirmar que o espaço da oficina pedagógica de Capoeira possui importância para crianças e jovens, como de ambiente rico para um aprendizado relacionado à cultura afro-brasileira, através de brincadeiras, conversas e na relação de respeito com o educador.

A relação de respeito entre educador e educandos, assim como a forma como ensinar Capoeira através de dinâmicas que instigam a brincadeira entre educandos é uma forma de instigar para o conhecimento e contribui para a luta da transformação da realidade.

Através do reconhecimento de sujeito oprimido pelo eurocentrismo e a colonialidade, o educador se faz resistente à marginalização da Capoeira na sociedade, explicitando a

necessidade de dar destaque e valorização das atividades de Capoeira para além das comemorações do Dia da Consciência Negra (20 de novembro) e abordando a possibilidade de abordagem de outras perspectivas, não somente como luta.

Portanto, este estudo traz contribuições no sentido de visibilizar a importância do ensino da Capoeira no campo da Educação, sobretudo em ambiente escolar, como em oficinas pedagógicas para crianças e jovens.

A experiência desta pesquisa dentro de suas delimitações trouxe muitos aprendizados e percebemos que é muito amplo o campo e diversas possibilidades de desvelar outros processos educativos presentes na prática social da oficina de Capoeira.

É preciso que novas perspectivas sejam exploradas, como a vivência das crianças e jovens, bem como a convivência da pesquisadora na oficina pedagógica, buscando outras formas de perceber os diversos processos educativos desta prática social.

Os processos educativos compreendidos dentro da prática social da oficina de Capoeira pela perspectiva do educador se apresentaram como a significação da Capoeira como fator influenciador para a relação dialógica do educador com educandos e educandas, também para a construção de relações de integração e cooperatividade entre educandos e educandas. Também apontamos a resistência do educador perante a opressão eurocêntrica de desvalorização da Capoeira no campo da Educação e novas possibilidades de ações educativas para o reconhecimento, preservação e valorização da cultura afro-brasileira de forma humanizadora.

REFERÊNCIAS

ABIB, Pedro R. J. Os velhos capoeiras ensinam pegando na mão. **Caderno Cedes**, Campinas, vol. 26, n. 68, p. 86-98, jan./abr. 2006.

AREIAS, Almir das. **O que é capoeira** (Coleção Primeiros Passos) 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

AREIAS, Anande das. **O que é Capoeira**. 4ª ed. São Paulo: Editora da Tribo, 1998.

ARRUDA, Eduardo O. Fenomenologia e capoeira: jogos ludomotrícios na formação da criança na fase puer. **Phenomenological Studies – Revista da Abordagem Gestáltica**. vol. 23, n.3, p. 308-316, set./dez. 2017.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. Notas de campo. In: _____. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994. p.150-175.

COSTA, Sidiney A. Diário de campo como dialética intersubjetiva. In: WHITAKER, Dulce C. A. (Org.). **Sociologia rural**: questões metodológicas emergentes. Presidente Venceslau: Letras à Margem, 2002. p. 151-157.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

BRANDÃO, Carlos R. Jogar para competir ou jogar para compartilhar? Da competição contra o outro a cooperação com o outro. In: _____. **Aprender o amor**: sobre um afeto que se aprende a viver. Campinas: Papirus, 2005. p. 85-116.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Decreto nº 3551, de 04 de agosto de 2000. Brasília: Presidência da República, 2000. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3551.htm Acesso em: 04 dez. 2022.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Brasília: Presidência da República, 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm Acesso em: 04 dez. 2022.

_____. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículo e Educação Integral. **Manual operacional de educação integral**. Brasília: MEC/SEB, 2013.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília : MEC/SEF, 1998.

CAMPOS, Hélio. **Capoeira na escola**. Salvador: EDUFBA, 2001.

DUSSEL, Enrique D. Autopercepción intelectual de un proceso histórico. **Revista Anthropos**, n. 180, p. 13-36, 1998.

DUSSEL, Enrique. La función del filósofo es crear teoría para transformar la realidade. **La Capital**. Disponível em: <https://www.lacapital.com.ar/educacion/dussel-la-funcion-del-filosofo-es-crear-teoria-transformar-la-realidadn1462387.html>. Acesso em: 13 ago. 2018.

DUSSEL, Enrique D. **Transmodernidad e interculturalidad** (interpretación desde la filosofía de la libertación). México City: UAM, 2005.

FIORI, Ernani M. Conscientização e educação. In: BRASIL. Ministério da Saúde. **II Caderno de educação popular em saúde**. Brasil: Ministério da Saúde, 2014. p. 55-72.

FONTOURA, Adriana R. R.; GUIMARÃES, Adriana C. de A. História da capoeira. **Rev. da Educação Física/UEM**, Maringá, v.13, n. 2, p. 141-150, 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 25ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 66ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

FREITAS, Jorge L. de. **A prática pedagógica da disciplina de capoeira na Educação Superior e a sua contribuição para a formação do futuro docente**. 2006. 153f. Dissertação (Mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica, Curitiba, 2006.

GEERVERGHESE, Manoj. **O valor educativo da capoeira**. 2013. 110f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

GIL, Antônio C. **Método e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Romeu. A análise de dados em pesquisa qualitativa *In*: MINAYO, Maria C. de S. (org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p. 67-80.

GONÇALVES JUNIOR, Luiz. Dialogando sobre a capoeira: possibilidades de intervenção a partir da motricidade humana. **Motriz**, Rio Claro, v. 15 n. 3 p.700-707, jul./set. 2009.

GONÇALVES, Maria A. R.; PEREIRA, Vinicius O. Capoeira e escola: reflexões sobre a proposta do Programa Mais Educação. **Periferia: Educação, Cultura & Comunicação**, v.7, n.1, p. 160-178, jan./jun. 2015a.

GONÇALVES, Maria A. R.; PEREIRA, Vinicius O. Educação e patrimônio: notas sobre o diálogo entre a escola e a capoeira. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 62, p. 74-90, dez. 2015b.

HEINE, Vinicius, CARBINATTO, Michele V.; NUNOMURA, Myrian. Estilos de ensino e a iniciação da capoeira para crianças de 7 à 10 anos. **Pensar a Prática**, p. 1-12, jan./abr. 2009.

IPHAN. Dossiê: inventário para registro e salvaguarda da capoeira como patrimônio cultural no Brasil. Brasília, 2007.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Modernidade, colonialidade e a colonialidade do ser. *In*: SANTOS, Boaventura S.; MENESES, Maria P. **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p.350-363.

MEC. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular: Educação é a Base. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf
Acesso em: 04 dez. 2022.

MELO, Vinicius T. A Capoeira na escola e na Educação Física. **Motrivivência**. Ano XXIII, n. 37, p. 190-199, dez. 2011.

MINAYO, Maria C. S. Ciência, técnica e arte: O desafio da pesquisa. *In:* _____. (org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, p. 9-30.

MINAYO, Maria C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14ª ed. São Paulo: Huitec, 2014.

MINAYO, Maria C. S.; DESLANDES S. F. (orgs.) **Caminhos do pensamento: epistemologia e método**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002.

NETO, Carlos. Desenvolvimento da motricidade e as “culturas da infância”. **Educação Física: intervenção e conhecimento**, p. 2-13, n. 58, 2004.

NOGUEIRA, Simone G. **Processos educativos da Capoeira Angola e construção do pertencimento étnico-racial**. 2008. 185f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2008.

OLIVEIRA, Maria W.; SILVA, Petronilha B. G. Leituras de artigo de Fiori, com a intenção de despertar outras leituras. *In:* BRASIL. Ministério da Saúde. **II Caderno de educação popular em saúde**. Brasil: Ministério da Saúde, 2014, p.49-54.

OLIVEIRA, Maria W.; RIBEIRO JUNIOR, Djalma; SILVA, Douglas V. C.; SOUSA, Fabiana R.; VASCONCELOS, Valéria O. Pesquisando processos educativos em práticas sociais: reflexões e proposições teórico-metodológicas. *In:* OLIVEIRA, Maria W.; SOUSA, Fabiana R. (org.). **Processos educativos em práticas sociais: pesquisas em educação**. São Carlos: EdUFSCar, 2014, p.113-141.

OLIVEIRA, Maria W.; SILVA, Petronilha B. G.; GONÇALVES JUNIOR, Luiz; MONTRONE, Aida V. G.; JOLY, Ilza Z. L. Processos educativos em práticas sociais: reflexões teóricas e metodológicas sobre pesquisa educacional em espaços sociais. *In:* OLIVEIRA, Maria W.; SOUSA, Fabiana R. (Org.). **Processos educativos em práticas sociais: pesquisas em educação**. São Carlos: EdUFSCar, 2014, p.29-46.

PALHARES, Leandro R.. Educação e Cultura popular: inclusão social pela Capoeira. **Licere**. Belo Horizonte, v. 10, n. 3, p. 1-15, dez. 2007.

PENTEADO, Andrea. Programa Mais Educação como política de Educação Integral para a Qualidade. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 39, n. 2, p. 463-486, abr./jun. 2014.

PEREIRA, Ludimar P. **Da escola da Capoeira para o jogo da vida: os saberes e os processos educativos vivenciados por seus praticantes**. 2018. 120f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2018.

PERTUSSATTI, Marcelo. **Na roda do conhecimento: entre os saberes e saberes da escola**. 2018. 215f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS, Chapecó, 2018.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder e classificação social. *In:* SANTOS, Boaventura S.; MENESES, Maria P. **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p.73-117

REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola: Um ensaio sócio-etnográfico**. Salvador: Itapoã, 1968.

RIBEIRO, Marla B. de O. **Capoeira: Lócus de cultura e resistência**. 2017. 138f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social). Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2017.

SANTOS, Boaventura S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *In*: SANTOS, Boaventura S.; MENESES, Maria P. **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2010. p.23-71.

SANTOS, Boaventura S.; MENESES, Maria P. Introdução. *In*: _____. **Epistemologias do sul**. São Paulo: Cortez, 2009. p.09-19.

SÃO PEDRO. Secretaria Municipal de Educação. **Projeto Educacional em Tempo Integral - “NAPE - Guido Dante”**. São Pedro, s.n., 2019.

SILVA, Ana B. M. da; OLIVEIRA, Gilmar A. de. Capoeira, “escorregar não é cair” *In*: COLÓQUIO DE PESQUISA QUALITATIVA EM MOTRICIDADE HUMANA: ETNOMOTRICIDADES DO SUL, 6, 2015, Valdivia, Chile. **Anais.../São Carlos: SPQHM**, p. 508-513, 2015.

SARTORI, Jerônimo. Educação bancária/Educação problematizadora *In*: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime J. (orgs.) **Dicionário Paulo Freire**. 3ª ed. 1ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017, p. 134-136.

SILVA, Petronilha B.G. Aprender a conduzir a própria vida: dimensões do educar-se entre afrodescendentes e africanos *In*: BARBOSA, Lúcia M. A.; SILVA, Petronilha B. G.; SILVÉRIO, Valter R. (orgs) **De preto a afrodescendente: trajetos de pesquisa sobre relações étnico-raciais no Brasil**. São Carlos: EdUFSCar, 2010. P. 181-197.

SOARES, Antonio J. G.; BRANDOLIN, Fabio; AMARAL, Daniela P. Desafios e dificuldades na implementação do Programa Mais Educação: percepção dos atores das escolas. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 42, n. 3, p. 1059-1079, jul./set., 2017.

SZYMANSKI, Heloísa. Entrevista reflexiva: um olhar psicológico sobre a entrevista em pesquisa. *In*: SZYMANSKI, Heloísa (org.) **A entrevista na Educação: a prática reflexiva**. Brasília: Liber Livro Editora, 2004. p. 9-64.

TAVARES, Luiz C. V. **O corpo que ginga; joga e luta: a corporeidade na capoeira**. Aracaju: IFS, 2018.

TEDLA, Eleni. Indigenous African Thought. *In*: _____. **Sankofa, african thought**. New York. Peter Lang, 1995. P. 11-41.

VALDÉS, Evelyn R. La capoeira como herramienta de inclusión social e innovación educativa: una propuesta para la asignatura de educación física. **Estudios Pedagógicos XLI**, n° especial: 193-212, p. 193-212, 2015.

VIEIRA, Luiz Renato. **O jogo de capoeira: cultura popular no Brasil**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Sprint, 1998.

ZITKOSKI, Jaime J. Ser mais. *In*: STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, Jaime J. (orgs.) **Dicionário Paulo Freire**. 3ª ed. 1ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017, p. 369-371.

APÊNDICES

Apêndice 1: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Via Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676

Tel.: (16) 3351-8356

CEP 13.565-905 – São Carlos - SP – Brasil

e-mail: secppge@ufscar.br



Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, Bárbara Cristina Frassetto Cangiani, estudante do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar te convido a participar da pesquisa “Aprendendo na roda da vida: processos educativos em uma oficina pedagógica de Capoeira” orientada pela Profa. Dra. Aida Victoria Garcia Montrone.

Em todas as sociedades ao longo da história, as práticas sociais promoveram a formação para a vida em sociedade por meio de processos educativos. A Capoeira persiste como meio de preservação e resistência das raízes sociais, históricas e culturais afro-brasileira e dentro de um contexto da realidade brasileira de maneira política, cultural e histórica pertencente à América Latina, pode-se considerar que esta prática encaminha para a criação de identidades e permite que os indivíduos e coletivos se construam.

Assim, o objetivo desta pesquisa é compreender e analisar os processos educativos desenvolvidos na prática social da oficina de Capoeira.

Você foi selecionado por ser o educador da oficina pedagógica de Capoeira e sua importante participação no Núcleo de Apoio Pedagógico “Guido Dante” e suas atividades ao longo dos anos.

Primeiramente você será convidado a participar de um encontro online por meio do Google Meet (aplicativo/ferramenta do Google gratuita) para a apresentação da pesquisa e entrevistas semiestruturadas.

Pretende-se a realização de duas ou três entrevistas por meio de encontros online no Google Meet de duração aproximada de 45 minutos a 1 hora. As questões das entrevistas terão como foco a sua experiência pessoal e profissional relacionadas com a Capoeira. Em caso de instabilidade ou interrupção na rede de internet durante a entrevista, poderá ser remarcada para uma nova data e horário, respeitando a disponibilidade do participante.

Após as entrevistas, de acordo com os procedimentos das entrevistas reflexivas, acontecerá a devolução, na qual a pesquisadora fará uma exposição da compreensão da sua fala durante a entrevista. Neste momento, você poderá fazer modificações em sua narrativa. Os mesmos procedimentos serão repetidos no evento de outras entrevistas.

A devolutiva acontecerá no mesmo formato que as entrevistas, por meio de encontros online na plataforma Google Meet de aproximadamente 45 minutos à 1 hora para compartilhar os dados da pesquisa ao participante.

Pretende-se o compartilhamento de todos os procedimentos e etapas, bem como os resultados desta pesquisa com o participante, para que seja desenvolvida no diálogo e comunhão de saberes.

As atividades não serão invasivas à intimidade dos participantes, entretanto, esclareço que a participação na pesquisa pode gerar estresse e desconforto como resultado da exposição de opiniões pessoais em responder perguntas que envolvem as próprias ações e constrangimento e intimidação. Diante dessas situações, o participante terá garantidas pausas nas entrevistas, a liberdade de não responder as perguntas quando a considerarem constrangedoras, podendo interromper a entrevista a qualquer momento. Serão retomados nessa situação os objetivos a que esse trabalho se propõe e os possíveis benefícios que a pesquisa possa trazer. Em caso de encerramento das entrevistas por qualquer fator descrito acima, a pesquisadora irá orientá-lo e

encaminhá-lo para profissionais especialistas e serviços disponíveis, se necessário, visando o bem-estar do participante.

Sua participação nessa pesquisa auxiliará na obtenção de dados que poderão ser utilizados para fins científicos, proporcionando maiores informações e discussões que poderão trazer benefícios para a área da Educação.

Sua participação é voluntária e não haverá compensação em dinheiro pela sua participação. A qualquer momento poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa ou desistência não lhe trará nenhum prejuízo profissional, seja em sua relação ao pesquisador, à Instituição em que trabalha ou à Universidade Federal de São Carlos. Todas as informações obtidas através da pesquisa serão confidenciais, sendo assegurado o sigilo sobre sua participação em todas as etapas do estudo. Caso haja menção a nomes, a eles serão atribuídas letras ou apelidos, com garantia de anonimato nos resultados e publicações, impossibilitando sua identificação, caso queira.

Solicito sua autorização para gravação em vídeo das entrevistas nos encontros. As gravações realizadas durante a entrevista semiestruturada serão transcritas pela pesquisadora. Depois de transcrita será apresentada ao participante para validação das informações. A transcrição das gravações feitas nos encontros será realizada na íntegra pela pesquisadora. Essas transcrições serão comparadas para verificar a concordância entre elas, garantindo a fidelidade à gravação.

As gravações serão acessadas somente pela pesquisadora e todo o material gravado será utilizado somente para a transcrição das entrevistas. Após a transcrição e análise de dados, as imagens serão excluídas, portanto, as imagens do participante não serão utilizadas publicamente ou compartilhadas.

Em relação aos riscos, a participação na pesquisa poderá resultar em cansaço ou alguns desconfortos ao participante por se basear no resgate de formas de trabalho já estabelecidas, relato e reflexão de memórias que podem não ser agradáveis.

Em contrapartida, você, participante, terá um material sistematizado sobre sua história, práticas, participantes e processos educativos. Desse modo poderão utilizar para reflexão crítica, avaliação, planejamento e para a escrita projetos de captação de recursos. Além disso, essa pesquisa busca contribuir para estudos relacionados ao ensino de Capoeira para crianças e jovens.

Salientamos que seu nome pode ser alterado garantindo sigilo ou será citado no trabalho, caso você autorize.

Você receberá digitalizada uma via deste termo, rubricada em todas as páginas e assinada pela pesquisadora, onde consta o telefone e o endereço da pesquisadora principal. Após rubricar e assinar este termo, solicitamos que digitalize e envie por email para a pesquisadora.

Você poderá tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação agora ou a qualquer momento.

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar. A pesquisadora me informou que o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFSCar que funciona na Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade Federal de São Carlos, localizada na Rodovia Washington Luiz, Km. 235 - Caixa Postal 676 - CEP 13.565-905 - São Carlos - SP - Brasil. Fone (16) 3351-9685. Endereço eletrônico: cephumanos@ufscar.br

Endereço para contato (24 horas por dia e sete dias por semana):

Nome da Pesquisadora Responsável: Bárbara Cristina Frassetto Cangiani

Aluna regular do PPGE/UFSCar, orientada pela Prof.^a Aida Victoria Garcia Montrone

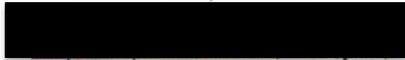
RG: 39.606.929-0; CPF: 436.463.698-33 Tel.: (19)99132-1128

Endereço: Alameda dos Angicos, 273 – Jardim Botânico 2 – São Pedro/SP

Email: barbara.cangiani@gmail.com

São Carlos, 17 de novembro de 2021.

Barbara C.F. Cangian:
Nome da Pesquisadora



Nome do Participante

B. Cangian:
Assinatura da Pesquisadora



Assinatura do Participante

Apêndice 2: Roteiros de entrevistas

Roteiro Entrevista 1

1ª entrevista

Data: 12/11/2021

Objetivos e questão de pesquisa

Tendo como questão de pesquisa “Que processos educativos se desenvolvem na oficina de Capoeira no Núcleo de Apoio Pedagógico ‘Guido Dante’?”, este projeto de pesquisa objetiva compreender e analisar os processos educativos desenvolvidos na prática social da oficina de Capoeira na vivência do educador.

- O que é a Capoeira para você?
- Como você significa a Capoeira?
- Há quanto tempo pratica Capoeira?
- Me conta a sua história com a Capoeira.
- Como e quando se tornou o educador da oficina da Capoeira?
- Me conta como é a dinâmica das atividades da oficina.
- Como as crianças e jovens interagem durante as atividades da oficina?
- Na sua opinião, quais são os impactos nos processos de aprendizagens das crianças e jovens?
- Na sua experiência, quais processos de ensino e de aprendizagem você destaca na prática da oficina de Capoeira?
- Como tem sido a vida neste período de pandemia? Quais foram os impactos na sua vida e profissão?
- Me conta, você tem informações das crianças e jovens que participavam da oficina?
- Qual é sua expectativa em relação à oficina da Capoeira no retorno às atividades presenciais?
- Tem algo que não perguntei que você gostaria de me contar?

Agradeço a sua participação!

Roteiro Entrevista 2

2ª entrevista

Data: 09/05/2022

Durante a primeira entrevista, as questões foram voltadas para o significado e a trajetória do educador na Capoeira, dinâmicas nas aulas da oficina e sua relação com as crianças e jovens do NAPE. Nesta segunda entrevista reflexiva, objetiva-se aprofundar e esclarecer algumas questões e compreender a dinâmica das atividades lúdicas.

“R: Nossa, a Capoeira é minha vida (risada tímida) Desde... Eu não me conheço sem ela, né. Praticamente eu comecei ela desde pequenininho, já veio da minha família a Capoeira e de lá para cá, não vivo sem ela. Ela é minha vida, é filosofia de vida para mim. Tudo o que eu tenho hoje é graças a Capoeira”.

- Qual é a sua perspectiva da importância da Capoeira no desenvolvimento de uma criança ou de um jovem?

“B: E como que era a dinâmica das atividades enquanto você era o educador?”

R: Então, eu trabalhava bastante com o lúdico mesmo, brincava bastante para trazer eles para mim. Conforme ia passando, eu aprofundava mais. Eu trabalhava bastante as danças afro, as histórias da Capoeira, instrumentação.”

- Como eram as atividades lúdicas? Você poderia me contar mais sobre elas? Como você preparava? Havia uma lógica?

“B: E como era com as crianças? Como elas interagiam? As meninas e os meninos interagiam? Eram solícitos nas atividades?”

R: A Capoeira, como posso dizer, ela não tem essa separação de homem e mulher, meninos e meninas, nas atividades não tinham parceiros fixos, para que todo mundo interagisse com todo mundo na aula”.

- Como os jovens e as crianças entendiam que todos deveriam interagir com todos e não haviam parceiros fixos nas aulas da oficina de Capoeira? Você percebia alguma diferença como as meninas jogavam (alguma particularidade)? Seja no início ou durante o desenvolvimento das atividades?

“B: O que você acha que seria o mais importante que você ensina e eles aprendem ou vice e versa?”

R sinaliza que houve uma falha na conexão e repito a pergunta.

R: Então, eu sempre preguei para eles a parte do... como eu posso te dizer... a parte da vida mesmo, saber entrar num lugar, a sair também, saber respeitar o próximo, para ser respeitado também. Eu pregava bastante disso nas minhas aulas. Até mesmo nos estudos, eu sempre estimulava”.

- Por que você acha tão importante falar sobre o respeito e comportamento durante as aulas da oficina de Capoeira? Quais fundamentos da Capoeira você trabalhava, além do respeito?

“R: Então, faltava muito apoio. Apesar do trabalho ser muito bonito no NAPE, faltava muito apoio, as crianças eram muito talentosas, mas ai a gente pedia para fazer um evento, como a Capoeira é uma arte que tem graduação, a gente pedia para fazer um evento de graduação e às vezes eu tinha que tirar dinheiro do meu bolso para colocar as crianças no evento. Às vezes as crianças queriam que tivessem eventos, uma apresentação e que estivessem presentes (membros da prefeitura, da Secretaria de Educação ou da direção da escola), mas não estavam. Quando a gente precisava deles, nunca podiam e nunca apareciam, mas quando tinha uma atividade de fechamento de ano, chamava quem? O NAPE né. Nunca tivemos um retorno, nunca, nunca, nunca”.

- Qual é a sua visão perante a falta de apoio da Secretaria Municipal de Educação? Em quais aspectos falta apoio?

Apêndice 3: Transcrição das entrevistas

Transcrição Entrevista 1

Entrevista 1

Data: 12/11/2021

B: Pronto. Boa noite! Tudo bem?

R: Boa noite, tudo.

B: Primeiramente vou me apresentar, meu nome é Bárbara, sou professora de História e Geografia nas escolas Centro Educacional Tia Leninha e no Colégio São Vicente de Paulo - Anglo, acredito que você deve conhecer as escolas. Também fui professora no Guido (EMEB¹⁵ Guido Dante) em 2019 por alguns meses e nesses meses tive meu primeiro contato com o NAPE¹⁶ e com as crianças e me apaixonei! Realizei um trabalho na Universidade como aluna especial na oficina de artesanato da G. E movida por esse carinho, eu percebi que o NAPE era muito importante e fiz o meu projeto de mestrado. Originalmente a pesquisa era para acontecer presencialmente durante as aulas de Capoeira no NAPE, mas com a pandemia, isso não foi possível. No momento em que elaborei o projeto, pensei em fazer as entrevistas com o L., pois ele era o educador naquele momento pela oficina e por motivos pessoais ele não pôde participar. Então recorri à “Tia J.” para que ela me ajudasse e ela indicou você com o maior carinho, disse que você iria aceitar e me senti aliviada quando você aceitou o convite. Muito obrigada por participar. Vou ler a questão de pesquisa e os objetivos, posso?

R: Claro

Faço a leitura da questão de pesquisa e dos objetivos presentes no projeto de pesquisa e no roteiro de entrevista reflexiva.

B: Bom, então é isso, seria o que as crianças aprendem, como aprendem, como que é a dinâmica da oficina de acordo com a sua perspectiva. A primeira pergunta que eu tenho para você é: O que é a Capoeira para você?

R: Nossa, a Capoeira é minha vida (risada tímida) Desde... Eu não me conheço sem ela, né. Praticamente eu comecei ela desde pequenininho, já veio da minha família a Capoeira e de lá para cá, não vivo sem ela. Ela é minha vida, é filosofia de vida para mim. Tudo o que eu tenho hoje é graças a Capoeira.

¹⁵ Escola Municipal de Ensino Básico.

¹⁶ Núcleo de Apoio Pedagógico Guido Dante, localizado na cidade de São Pedro-SP.

B: Certo. Você faz parte de algum grupo de Capoeira? Vi pelo Whatsapp o nome Legado Negro. Por acaso é o grupo do Legado Negro com o mestre F¹⁷.?

R: Não. Legado Negro é uma página minha.

B: Ah que legal!

R: Estamos com 124 mil pessoas (pessoas que curtem a página na rede social Instagram). Tem pessoas do mundo inteiro. Eu sou do grupo Zumbu Capoeira em São Paulo.

B: Legal, muito bom. Então tudo é Capoeira e ela é tudo para você.

R: Sim Sim.

B: E como você significaria a Capoeira na sua vida?

R: Ah, não tem como separar ela né. Ela é minha vida. Tudo... Não teria como... Hoje eu estou na universidade graças a Capoeira, estou terminando, termino esse ano Educação Física. Faço Educação Física por causa da Capoeira e até mesmo para ter mais oportunidades.

R. aparenta estar tímido, talvez a primeira e a segunda pergunta eram semelhantes, por isso não desenvolveu muito na resposta.

B: Você disse que desde pequeno pratica Capoeira, desde quando exatamente?

R: Então, praticamente, meu tio era da Capoeira e ele sempre me ensinou, mas eu comecei mesmo em academia com 8 anos.

B: Hoje você tem...? (anos de idade)

R: 29, faço 30 no início do ano.

B: Nossa, é muito tempo de Capoeira.

R: É muito tempo...

(silêncio)

R: Ativo né, muitas pessoas param e voltam, mas eu sempre fui ativo na arte.

B: Então você contou que foi com o seu tio...

R: Isso, eu comecei com ele, mas ai ele faleceu e eu dei continuidade aos 8 anos diretamente na academia.

B: Entendi, muito legal. Bom, quando e como você se tornou educador da oficina de Capoeira no NAPE?

R: No NAPE foi em 2014, fiquei 3 anos, até 2017/2018 se eu não me engano.

B: Como que você chegou ou acabou indo para lá?

¹⁷ De acordo com o TCLE, a pesquisa não revelará nomes de nenhum integrante ou nomes citados pelo integrante.

R: Foi meio que lance de política, meu mestre era envolvido na política, e ficamos sabendo que teria o Mais Educação e fomos pioneiros, desde o início. Ai teve as reuniões, eramos em 3 educadores, eu, A. e L.

B: E o NAPE Guido Dante seria o único com oficina de Capoeira?

R: Na verdade não era assim, o NAPE era assim, ali dei aula para o (para alunos do) Guido Dante¹⁸, Maria de Fátima¹⁹ e uma turma que vinha do Abdala²⁰, a Serra²¹ também tinha e também tinha do BNH²².

B: Ah, isso quer dizer que o NAPE era realmente um núcleo, não que necessariamente ele recebia alunos e alunas de uma única escola.

R: Então, a partir de 2018 começou a ser só da escola Guido Dante, só alunos da escola lá.

B: Ah sim, mas hoje existem outros espaços de NAPE em outras escolas?

R: Existem espaços para o Ensino Integral, mas o NAPE é um só.

B: O BNH tem hoje?

R: Hoje, acredito que só o NAPE. Mas parou por conta da pandemia.

B: Antes da pandemia, haviam aulas de Capoeira em outras escolas pelo Mais Educação?

R: Pelo Mais Educação, não. Só no Guido Dante mesmo, as outras tinham parado, ficou só o NAPE mesmo.

B: E como que era a dinâmica das atividades enquanto você era o educador?

R: Então, eu trabalhava bastante com o lúdico mesmo, brincava bastante para trazer eles para mim. Conforme ia passando, eu aprofundava mais. Eu trabalhava bastante as danças afro, as histórias da Capoeira, instrumentação.

Fico instigada a querer saber mais, mas R. parece estar tímido, então provoco com mais perguntas.

B: Você ensinava a tocar o berimbau?

R: No início, nas apresentações eu mesmo tocava, depois eu vi o potencial das crianças e nas atividades físicas, que eram demais e passaram a tocar. Se você ver na minha página, tem vídeos deles tocando e apresentando.

B: Nossa e como uma apresentação tem uma energia indescritível né.

¹⁸ EMEB Guido Dante.

¹⁹ EMEB Maria de Fátima do Amaral.

²⁰ EMEB Profº Abdala Rahal Farhat Neto.

²¹ EMEB Iracy Bertochi, entretanto, a escola é chamada popularmente de “serra”, pois está localizada em um bairro no alto da serra de São Pedro.

²² EMEB Benedito Modesto de Paula. A escola recebe esta sigla referente ao bairro que antigamente era conhecido como BNH, por fazer parte do empreendimento do Banco Nacional de Habitação.

R. concorda

B: Mesmo depois de tanto tempo, você sente essa energia, esse arrepio de emoção?

R: Sim, mesmo depois de tanto tempo, sente. É com todo mundo. Se não sentir, não faz sentido, tem que sentir essa adrenalina, é a musicalidade, a energia.

B: Que legal, muito bom saber disso, é de arrepiar mesmo. E como era com as crianças? Como elas interagiam? As meninas e os meninos interagiam? Eram solícitos nas atividades?

R: A Capoeira, como posso dizer, ela não tem essa separação de homem e mulher, meninos e meninas, nas atividades não tinham parceiros fixos, para que todo mundo interagisse com todo mundo na aula.

B: No quesito competitividade, como era?

R: As crianças não eram muito competitivas, porque era um jogo mesmo. Até alguns depois foram praticar para competir, um ou outro chegou a ganhar medalhas em competições. Mas eles eram tranquilos, eles sabiam ganhar e perder porque a Capoeira ensina muito disso, que dependendo do dia você pode não estar bem. Perder faz parte.

B: Que legal, é bem diferente de muitos esportes onde a competição é bastante acirrada e ganhar se torna mais importante do que jogar e participar.

R: A Capoeira é um jogo de duas pessoas, se o meu parceiro não estiver bem, ou se eu não estiver bem, a pontuação será baixa, então um depende do outro. É compreensível né.

B: Nas atividades lúdicas, as crianças que perdiam, aceitavam bem, tranquilamente?

R reflete rapidamente.

R: Aceitavam. Porque a gente sempre dava mais oportunidades, fazia uma rodada só para experimentar. Às vezes tinha um ou outro que ficava emburradinho, mas eles vão aprendendo a perder e a ganhar.

B: E de acordo com o crescimento, as atividades iam ficando mais...?

R: É, eu ia tirando o lúdico. Eles até pediam para tirar o lúdico depois que eles pegavam uma certa idade, preferiam mesmo a parte da arte marcial...

B: Certo... E na sua experiência, quais processos de ensinar e aprender que você destacaria na oficina?

Ele aparenta não entender muito bem a pergunta e tento explicar para facilitar.

B: O que você acha que seria o mais importante que você ensina e eles aprendem ou vice e versa?

R sinaliza que houve uma falha na conexão e repito a pergunta.

R: Então, eu sempre preguei para eles a parte do... como eu posso te dizer... a parte da vida mesmo, saber entrar num lugar, a sair também, saber respeitar o próximo, para ser respeitado

também. Eu pregava bastante disso nas minhas aulas. Até mesmo nos estudos, eu sempre estimulava.

(silêncio)

B: Quer dizer que a Capoeira vai bem mais do que um exercício?

R: Sim. Até era meio chato, porque se a criança tinha aula no NAPE de manhã, ficava a tarde toda na escola. Mesmo nas aulas²³ e nas outras oficinas, eles bagunçavam bastante, aí os professores falavam assim “Se você não se comportar, não vai para a Capoeira” “Se você não fizer isso...” e por ai vai...Tudo descontava na Capoeira. Por que eles queriam, eles ficavam dentro da sala de aula, mas queriam pular, correr, brincar e sempre sobrava para a Capoeira. Começo a rir, parece semelhante ao comportamento de muitos professores com a Educação Física na escola. Tirar a Educação Física é uma punição.

B: Nossa...

R: E chegava a atrapalhar, por que eu ia fazer uma atividade e a diretora, chegava e dizia que determinado aluno não ia participar por causa de comportamento em outra atividade, e eu achava muito...chato e errado né.

B: E as crianças que eram... punidas... eram crianças que iam mal nas outras atividades, iam bem na Capoeira?

R: Sim... eram.

B: Ou não tem a haver uma coisa com outra?

R: Geralmente eram os alunos mais ligados no 220v (agitados). Tipo o C., ele era muito inteligente o menino.

R: De todo mundo na escola, ele era o termômetro da galera. Teve uma vez que... até ficaram bravo com ele... era uma prova de rendimento da escola. Ele entrou, ficou 10 minutinhos e saiu dizendo “terminei a prova”, foi lá e gabaritou. Ele era inteligente, mas não conseguia ficar parado... ele fazia tudo, mas queria brincar, bagunçar, era um menino excelente, mas parece que ta no mundo das drogas...

B: De fato, o que você está me descrevendo era o que realmente acontecia na escola, ele era inteligente, mas queria ir no banheiro, bagunçar e tal.

R: É isso mesmo.

B: E em relação à pandemia? Como tem sido para você, enquanto vida e profissão? Quais estão sendo os impactos?

²³ Referência às aulas de apoio pedagógico (reforço de Língua Portuguesa e Matemática).

R: Pegou bastante mesmo. As aulas de Capoeira mesmo tive que parar com todas. Eu dava aula em escola particular, e fiquei só com o Crossfit²⁴. Eu dou aula de crossfit em uma academia na cidade. Foi a única atividade que ficou. Às vezes parava e depois voltava. Dava aula *online* também, coisa que não tinha muito aluno, porque ninguém conseguia treinar em casa. A gente até dava o material, ensinava, mas foi difícil.

Por sua expressão facial e sua fala, o período da pandemia foi de muitas dificuldades para ele

B: E a Capoeira?

R: A Capoeira mesmo eu não consegui, tem que ser um negócio todo mundo junto, a maioria eu perdi, que eram alunos do São Dimas²⁵ e eles não tinham tanto acesso a internet assim. E nem se tivessem (acesso à internet), eles entrariam, muitos ficaram para a rua e se envolveram com coisas erradas. Esses dias eu fui lá (no bairro) e fiquei chateado, fui dar uma volta no bairro e vejo eles de qualquer jeito, com cigarro na mão. É complicado... eu to até tentando voltar agora, conversei com a A., vereadora para colocar um projeto em prática de lá do bairro, até estou dando aulas na Terceira Idade²⁶, mas acho muito afastado, é difícil puxar as crianças do São Dimas para cima (outro bairro).

B: Ah que legal, conheço a A., trabalhei com ela no JAP²⁷

R: Lá no JAP eu comecei a dar aula em 2007, na época que era Escola da Família²⁸.

B: Nossa, você atuou na Escola da Família, que legal!

R: O JAP tinha um trabalho legal, a L., que era diretora do Escola da Família, trazia muitas atividades, e ela dizia que se o Dória entrasse (no governo do Estado de São Paulo), ia acabar. De fato, foi o que aconteceu...

R: Inclusive, graças a ela, L., que vai ser minha madrinha de faculdade, porque ela era a pessoa que mais me incentivava, quando eu dava aula (no programa da Escola da Família), para eu começar a estudar.

B: Nossa que legal, muito importante mesmo.

B: Você tem notícias sobre as crianças e os jovens do NAPE? Alguma informação sobre?

R: Algumas. Algumas tenho nas redes sociais e vivem comentando nos meus vídeos de Capoeira, até porque eu só posto coisas relacionadas à Capoeira. Se for ver nas minha redes

²⁴ Esporte de alto impacto.

²⁵ Bairro periférico da cidade de São Pedro. No mesmo bairro, localiza-se a EMEB Guido Dante e o NAPE Guido Dante.

²⁶ Centro de Convivência da Terceira Idade, localizado em São Pedro-SP.

²⁷ Escola Estadual José Abílio de Paula.

²⁸ Programa do Governo do Estado de São Paulo, no qual envolviam atividades de lazer nas escolas durante sábados e domingos abertos para a comunidade.

sociais, só tem Capoeira, Capoeira e Capoeira. Até uns me seguem ou fazem Capoeira comigo no espaço novo que eu tô (Centro de Convivência da Terceira Idade).

R. fica um pouco retraído e tento puxar novas perguntas para que a conversa desenvolva.

B: Você disse que alguns chegaram a ir para campeonatos...?

R: Sim, o C. foi um deles.

R. cita vários nomes.

R: Tem a T. também, que está comigo até hoje no novo espaço. Eu tenho até contato com a família de alguns, quando acontece algo, eles me procuram para conversar para dar uma sossegada neles (crianças e jovens). Essa relação família e Capoeira.

B: Qual seria sua expectativa para a oficina de Capoeira e para o retorno das atividades presenciais?

R: Então, minha expectativa é tudo né, porque eu vim de projeto social, Capoeira para mim...

R: É difícil, passa um filme na cabeça... Então, eu acredito muito no trabalho da Capoeira e eu não vejo a hora de voltar, quero estar com as crianças, busco muito por isso, até essa semana estava conversando com a tia J., que estamos tentando pedir a quadra (da EMEB Guido Dante) para trazer as atividades para mais perto deles, do bairro, e não ficar tão longe. Se não fosse pela Capoeira, eu estaria no mesmo caminho que alguns deles, eu não sei o que seria de mim sem a Capoeira.

B: Realmente a Capoeira transformou a sua vida...

R: De fato, ela mudou tudo. Até minha família falava “você só pensa em Capoeira e Capoeira”, hoje eles dão graças a Deus. É graças a ela que eu recebo (financeiramente), que eu recebo na minha página vídeos do mundo todo, que eu vendo minhas roupas de Capoeira.

B: Que legal! E tem algo que você gostaria de me contar que eu não perguntei?

R: Nossa... preciso pensar... mas em que sentido?

B: Não sei, sobre a Capoeira, sobre as atividades, algo que não tenha contemplado nas minhas perguntas...

R. faz uma pausa.

R: Então, faltava muito apoio. Apesar do trabalho ser muito bonito no NAPE, faltava muito apoio, as crianças eram muito talentosas, mas aí a gente pedia para fazer um evento, como a Capoeira é uma arte que tem graduação, a gente pedia para fazer um evento de graduação e às vezes eu tinha que tirar dinheiro do meu bolso para colocar as crianças no evento. Às vezes as crianças queriam que tivessem eventos, uma apresentação e que estivessem presentes (membros da prefeitura, da Secretaria de Educação ou da direção da escola), mas não estavam. Quando a gente precisava deles, nunca podiam e nunca apareciam, mas quando tinha uma

atividade de fechamento de ano, chamava quem? O NAPE né. Nunca tivemos um retorno, nunca, nunca, nunca. Nem sei se posso falar isso...

B: Não, claro, fique a vontade para se manifestar.

R: As atividades são importantes, eu quero muito que eles tenham mais espaço e apoio. Eu tenho até hoje os recortes de jornais de fotos das apresentações e sei que muitos preferiam a Capoeira, não que as outras atividades não sejam importantes, mas eles estavam cansados de ficar dentro de uma sala de aula, concentrados na aula de reforço (apoio pedagógico), mas eles queriam sair e soltar as energias...Por isso é importante.

Transcrição Entrevista 2

2ª entrevista

Data: 09/05/2022

B: Olá! Tudo bem?

R: Bem e você?

B: Bem também, vou compartilhar minha tela para você visualizar as questões.

(Pausa)

B: Não sei se você está no celular ou no computador, mas se precisar, aumento a letra. Consegue ver?

R: Legal, consigo sim.

B: Dá pra ler bem?

R: Sim

B: Bom, como foram feitas essas questões. Eu peguei a primeira entrevista e fui...só um momento

(Pausa)

B: Me desculpa. Bom, então a partir das respostas das questões da primeira entrevista, eu fui elaborando novas perguntas. Como é uma entrevista reflexiva, foi com base em reflexões que essas questões foram elaboradas. Entretanto, preciso te pedir desculpas pois a nossa entrevista foi em novembro do ano passado e eu tive problemas de saúde, fui operada no início do ano o que atrasou algumas coisas da dissertação e hoje eu estou afastada pois estou com covid novamente.

R: Eita, sem problemas!

B: Podemos começar então?

R: Claro

B: Qual é a sua perspectiva da importância da Capoeira para o desenvolvimento de uma criança ou de um jovem? Como que você vê isso?

R: Ah, então... eu... Nossa, ta passando um caminhão aqui (barulho de um veículo passando) Meu Deus, deixa eu ir mais para o meio da praça... (barulho de passos) Calma ai... (pausa)

Qual é a pergunta mesmo?

Repito a questão

R: Então, além da consciência corporal, a história né, a importância da criança saber que é importante. Dentro da Capoeira eu ouvia muito disso, de se sentirem importante ali... como eu posso dizer...

B: Talvez eles se sentirem parte da história da Capoeira?

R: Sim! Eu contava bastante da História para eles, assim como musicalidade e coordenação motora, ajudava bastante eles...

B: Certo... E como eram as atividades lúdicas? Me conta um pouco mais sobre elas, eu sempre me senti encantada por essa parte e queria saber um pouco mais de como elas eram, como você se preparava, qual era a lógica dessas atividades...

R: Geralmente eu pegava as músicas tradicionais da Capoeira e brincadeiras (do cotidiano) e misturava com Capoeira, então se eu fazia uma amarelinha, colocava Capoeira, então a criança ia pular em um pé e cair de cocorinhas na próxima. Cantava músicas e quando eu parava eles tinham que fazer alguma coisa, tipo um “vivo ou morto”. Eu sempre fazia assim, misturava Capoeira e as brincadeiras tradicionais.

B: E eles se divertiam bastante?

R: Sim, muito! (voz feliz e empolgada) queriam só brincar na verdade (risos)

B: E essas brincadeiras lúdicas eram com quais idades?

R: Até com os mais velhos eu trabalhava o lúdico também, como uma forma de preparo para trabalhar com crianças, para interagir mesmo.

B: Ah que legal! As atividades lúdicas são muito boas e divertidas.

R.: E o tempo voava quando fazíamos.

B: Eles ficam muito entretidos né?

R.: Sim. Seria muito legal eu pegar um dia para dar uma aula no Guido (EMEB Guido Dante) para você ver as atividades.

B: Nossa, seria muito legal se tivesse a oportunidade, seria muito bom!

R.: Seria muito bom, porque não precisa ser com crianças que já tenham noção de Capoeira, das técnicas, mas como brincadeiras de aprender mesmo. Eles aprendem brincando, quando veem, já tão tudo fazendo Capoeira.

B: Muito legal, eu vi uma vez uma atividade muito legal que a criança tinha que tirar o cordão da parte de trás da calça do colega.

R: Ah sim! Eu comecei a colocar na lateral, porque tinha o problema de cabeçada nessa atividade (risos). Eles iam tentar tirar o cordão e as vezes batia cabeça com cabeça

B.: Ahhh

R.: Ai de lado ficou uma dinâmica melhor e menos perigosa (risos)

B: E tinha que fazer o movimento da ginga né?

R.: Sim, eles tinham que gingar, não podia só pegar o cordão, tinha que gingar e pegar.

B.: Eu achei muito legal essa brincadeira.

R.: Tinha uma também, em cima da figura do mestre Bimba, que eu ensinava para eles que era um dos criadores da Capoeira Regional, criadores não, o criador. Era assim “Bimba ensina eu, ensina eu, ensina eu” ai eles repetiam e eu dizia “Bimba mandou sentar, sentar” e eles tinham que sentar “Bimba mandou deitar, deitar” e eles tinham que fazer, ai eu falava “abraçar” e eles abraçavam. Era bem legal, eles gostavam.

B.: Tipo um “mestre mandou”?

R.: Sim! Mas ai era o Mestre Bimba.

B.: Nossa, que legal! E como que os jovens e as crianças entendiam que todos deveriam interagir e que não haviam parceiros fixos? Havia alguma diferença na forma como as meninas jogavam?

R.: Não, era tudo igual. Nas minhas aulas e atividades, eu sempre ia trocando os parceiros e nunca podia repetir a pessoa, mesmo para não ter o favoritismo. Tipo, eu falava “mais dois!” e eles trocavam. Tinha uma atividade com matemática que eu fazia que era assim. Eles estavam gingando de frente uns para os outros, ai eu dizia “dois mais dois” e eles tinham que formar um grupo de quatro pessoas, ou “um mais um” e tinham que formar uma dupla. Ai ficava uma coisa bem dinâmica e nunca tinha esse negócio de “eu quero ir com ela ou com ele”, eu não permitia.

B.: E eles entendiam “de boa” (facilmente)?

R.: Sim, tranquilamente.

Retomo a questão sobre a particularidade das meninas na atividade

B.: E você percebia alguma diferença de como as meninas jogavam? Seja no início das atividades ou durante? Eu estou perguntando, pois a minha orientadora trabalha com questões de gênero e achamos importante perguntar sobre isso.

R.: Ah sim, entendo.

B.: Então, elas tinham alguma particularidade, como jogavam de forma diferente ou eram melhores ou piores em alguma atividade?

R.: Algumas meninas tinham receio de fazer saltos, mas com o tempo, ia quebrando esse gelo, porque, você vê as mulheres hoje em dia... eu faço parte de um grupo que tem um coletivo que chama “Mulheres da Garoa”, elas tem uma página no *Instagram* e você vê elas e os vídeos que elas postam, você fica impressionado com as habilidades delas. Segue elas lá, é sensacional.

B.: Nossa, que legal, vou anotar aqui para seguir. Então as meninas tinham um certo receio? Medo de cair?

R.: Não, mulher nunca pôde nada, mulher tinha que sentar de perninha fechada, mulher não podia pular, não podia brincar e isso vem até hoje. Ai eu mostrava que elas eram capazes,

mostrava vídeos de mulheres jogando para que elas vissem que elas também poderiam fazer, e elas iam criando coragem...

B.: Sim, as meninas são criadas de forma que elas não podem agir de muitas maneiras...

R.: E o homem pode tudo...

B.: Mas aí a Capoeira vem e mostra...

R.: Dentro da Capoeira tem esse machismo, isso não posso mentir. Antigamente você via rodas e eram só homens. Hoje, principalmente depois do período do COVID-19, tem rodas que 70% a 80% são mulheres.

B.: E quanto a participação das meninas a aprender a usar os instrumentos?

R.: Nossa, esse coletivo “Mulheres da Garoa” tem uma bateria só de mulheres e é afinadíssimo! A Capoeira mostra que as mulheres são capazes.

B.: Com certeza! Isso é muito importante

B.: Por que você acha tão importante falar sobre o respeito e o comportamento nas aulas? Na nossa entrevista você falou que você conversava muito com eles sobre isso, sobre como entrar e sair dos espaços, sobre o respeito com as pessoas. Por que você acha tão importante falar sobre isso?

R.: Então, eu trabalhava muito com eles sobre o respeito com os mais velhos, ou no caso das graduações, para entrar numa roda de Capoeira, se tivesse uma pessoa mais graduada, ele não poderia chamar para jogar, é o mais graduado que chama para jogar. Entende?

B.: Sim sim. É como não poder bater no mestre?

R.: Se é mestre é mestre (risos). Eu não ensino que não pode bater no mestre, mas é complicado porque tem gente que com trinta anos de idade já se torna mestre, eu ensinava mais sobre com os mais velhos. Ser mestre é fácil nos dias de hoje, se acontecer de um jovem chamar o mestre para jogar, ele não vai bater, vai jogar, e o mestre tem que segurar a sua graduação e ensinar ao mais novo, entende?

B.: Sim, agora eu entendo.

R.: Antigamente para ser mestre era diferente. A comunidade que passava a considerar aquela pessoa experiente como mestre, o respeito era desenvolvido, sabe? Hoje em dia, uma pessoa com dez anos de Capoeira vira mestre, antigamente a pessoa tinha que ter vinte ou trinta anos de Capoeira para ser chamado de mestre.

B.: Mas existe algum órgão que regulamenta isso?

R.: Não... ah, tem o... (pausa) tem uma Federação no Estado (São Paulo) que fazemos os Jogos Regionais, mas só visa o dinheiro, então não tem um acordo e as pessoas desrespeitam muito,

então fica meio bagunçado assim, pq eles querem padronizar, mas o capoeira não leva para o esporte, leva mais como filosofia de vida, sabe...

R.: Calma ai, um minutinho só...

(pausa)

R.: Oi?

B.: Oi. Me diz, você é... Regional? Angola?

R.: Eu falo que eu sou Capoeira (risos) O berimbau tocou, eu to jogando (risos).

B.: Você disse sobre o respeito com os mais velhos nas conversas com as crianças e os jovens. Você trazia sobre esse respeito na vida pessoal e cotidiana deles?

R.: Como assim?

B.: Do respeito com os pais, avós...

R.: Sim! Sim! Sempre

B.: E o comportamento na escola?

R.: Sim, sempre conversava com eles e chegava a punir, não deixando fazer uma aula se eles estivessem bagunçando demais. O que eu não gostava era quando faziam bagunça em outra aula e a direção/coordenação puniam tirando a Capoeira, impunham essa punição, sabe?

B.: Ah sim, eu te pergunto sobre esse respeito na vida pessoal e escolar, porque você comentou que tinha contato com alguns familiares que te procuravam...

R.: Sim, de alguns que faziam aula comigo a noite (fora do NAPE). Alguns pais tinham essa confiança de me procurar para conversar e saber se tava tudo bem, com quem o filho tava andando ou o que tava fazendo, para conversar com o filho. Mas também tinha pais que em vez de conversar, puniam tirando a Capoeira, que era algo bom para o filho e eu achava isso muito errado. Aconteceu até um fato... a tia, não, madrinha de uma criança, ficou brava e tirou da Capoeira, mas ai quando tirou, a criança foi para o caminho errado. Daí a madrinha me mandava mensagem, para conversar com a criança e trazer de volta para a Capoeira. Eles (os pais e responsáveis) levavam a Capoeira como... lazer e eu fazia um trabalho de filosofia de vida que é a Capoeira e ai eles atrapalhavam esse processo. Quando o NAPE tinha férias era difícil, porque era um semestre todo de trabalho que se perdia durante as férias e ai quando voltava, era do zero de novo.

B.: E ai você ficava trinta dias sem ver aquelas crianças e jovens...

R.: Muito mais! Aqui em São Pedro o NAPE demorava muito para voltar. As vezes as aulas começavam em fevereiro e o NAPE ia começar por abril, me dava muito nervoso. As vezes dava aula por sete meses no ano. Ai você imagina como encontrava eles (crianças e jovens)

B.: Existia uma razão para a demora no início das atividades?

R.: Ah, eu acho que é descaso mesmo... Mas aí quando precisavam de apresentação, vinham correndo, principalmente da Capoeira, mas quando a gente precisava, nem queriam saber... As vezes a gente ia pedir ajuda com alguma coisa de graduação, lã para fazer os cordões e não tinha como... difícil...

B.: Essa falta de apoio é muito complicada...

R.: Ah meu mestre ajudava muito e a gente se esforçava bastante, fazia os cordões e dava um jeito de fazer os eventos acontecerem.

B.: Sim, entendo.

(pausa)

B.: Quais outros fundamentos da Capoeira você trabalhava? Além do respeito, você trouxe a musicalidade e a consciência corporal, você trabalhava algo mais?

R.: Então... (pausa) Eu sempre busquei ensinar para as crianças tudo o que eu aprendi na minha trajetória, às vezes até mesmo para montar um instrumento eu ensinava a afinar um berimbau, é... a linguagem dos capoeiras, que a gente puxa mais para o baiano... Ah não sei o que dizer...

(pausa)

B.: Não tem problema, se não lembrar o que dizer, ao longo de nossas conversas pude perceber que tem muitos aspectos que você trabalhava com as crianças e os jovens, fundamentos riquíssimos.

B.: Bom, você já falou um pouco sobre a última pergunta e vou contextualizar... Nós estávamos conversando, eu, minha orientadora e colegas sobre as possibilidades que a pesquisa poderia trazer apenas os problemas, que sabemos tem muitos, principalmente quando se trata sobre a falta de apoio, mas queremos ir além de denunciar os problemas e as falhas, mas trazer uma perspectiva de anúncios, mostrando a importância desse espaço. Então, qual é a sua visão perante a falta de apoio da Secretaria Municipal de Educação? Em quais aspectos falta apoio?

R.: Então, dentro da Capoeira eu queria mesmo o apoio para campeonatos e graduações, porque a Capoeira é muito rica em si mesma, ela não precisa de um som ou um tatame, na palma mesmo a gente monta uma roda de Capoeira, mas quando eles precisavam da gente, aí eles estipulavam uma data e diziam o que queriam, mas não forneciam ajuda para o que precisávamos. Isso não afetava nos alunos, mas em mim, porque eu queria dar mais, mostrar mais para eles (crianças e jovens). Eu ensinava, mas aprendi muito com eles, alguns até iam na minha casa participar da fabricação dos berimbaus, apoio que eu nunca tive da prefeitura, eu tinha deles, íamos na mata, pegávamos madeira, cabaça e arame para fazer um berimbau, dava um jeito... é isso.

B.: Portanto você busca o apoio financeiro e político?

R.: Claro, tem que ter uma finalidade as atividades. Você via talento “escorrendo” e queria mostrar, levar adiante, mas não tinha como. A gente ta falando de gente da periferia, do São Dimas e São Thomé, o apoio precisaria vir da prefeitura, não só fazer apresentação para gente importante da prefeitura em evento.

B.: E as apresentações tinham finalidade?

R.: Acho que as apresentações eram mais para mostrar que o NAPE estava funcionando, não para valorizar o talento deles (crianças e jovens) e o desenvolvimento, era mais para “fazer bonito”. Chega perto do 20 de novembro e chove convite para fazer apresentação, mas por que só perto do “dia dos pretos”? Por que não convida fora da data e fazer um trabalho legal sobre a história e cultura dos negros? Mas não, são apresentações só para tirar foto e postar na data comemorativa para dizer que fez um trabalho de conscientização da cultura afro e não é bem, assim, sabe, precisa ter significado.

B.: Sempre assim, infelizmente, assim como acontece no Dia dos povos indígenas, são atividades pontuais e superficiais, quando é possível desenvolver atividades riquíssimas e de muita importância para o desenvolvimento das crianças e dos jovens.

B.: Bom, o título da dissertação é “Aprendendo na roda da vida”. Para você, o que representa a roda?

R.: A roda é tudo (risos) É onde rola a energia, onde você se conecta com todos, a musicalidade, ah, é tudo. Não tem como falar da Capoeira sem falar da roda. Tudo, as aulas, as atividades aconteciam todas em roda, todos nós formávamos uma toda. Conversávamos em roda, jogávamos em roda. Ali dentro da roda é onde tudo acontecia e mostrava o seu talento. Ali na roda não tinha o estudado e o não estudado, não tinha o inteligente e o não inteligente, não tinha bagunceiros e bonzinhos. Na roda todo mundo é igual, até mesmo os mais tímidos se soltavam na roda. É transformador o poder da roda da Capoeira. Ao longo do ano, eu via o avanço e desenvolvimento de cada um ali. Até hoje tenho contato com muitos deles, que me mandam mensagem e me chamam de professor.

B.: Uma vez professor, sempre professor (risos)

R.: (risos) Pois é.

B.: Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa? Comentar algo?

R.: Não, acho que falei tudo o que gostaria.

B. Certo. Agradeço mais uma vez a sua participação e seguimos na luta pelo reconhecimento e valorização do NAPE e da Capoeira, um grande abraço e até mais!

R.: Eu que agradeço! Até mais, tchau!

ANEXOS

Anexo 1: Parecer do Comitê de Ética



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Aprendendo na roda da vida: Processos educativos na oficina pedagógica de Capoeira na vivência do educador

Pesquisador: BARBARA CRISTINA FRASSETTO CANGIANI

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 47506921.0.0000.5504

Instituição Proponente: CECH - Centro de Educação e Ciências Humanas

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.012.202

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e Avaliação dos Riscos e Benefícios foram extraídas do arquivo Informações Básicas da Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1751480., de 01/09/2021) e/ou do Projeto Detalhado (Projeto_versao2.pdf, de 01/09/2021):

RESUMO: O contexto do surgimento da Capoeira está fortemente relacionado com a resistência de negros e negras escravizados na luta por suas próprias vidas contra a opressão social e cultural. Atualmente, ela persiste como meio de preservação e resistência das raízes históricas, culturais e sociais afro-brasileiras. A pesquisa será realizada com o instrumento de coleta de dados de entrevistas reflexivas com o educador responsável pela oficina pedagógica de Capoeira do "Núcleo de Apoio Pedagógico Guido Dante" na cidade de São Pedro-SP. Objetiva-se na pesquisa a compreensão e análise dos processos educativos da prática social da Capoeira pela vivência do educador da oficina. Espera-se contribuir para a visibilidade da Capoeira no espaço escolar para crianças e jovens para a formação identidade e da vida em sociedade, bem como o reconhecimento e valorização dos diferentes saberes da cultura afro-brasileira.

HIPÓTESE: A hipótese dessa pesquisa é que haja acúmulos velados nos processos educativos de ensinar e aprender desenvolvidos na prática social da oficina pedagógica de Capoeira entre

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9665

E-mail: cephumanos@ufscar.br



UFSCAR - UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SÃO CARLOS



Continuação do Parecer: 5.012.202

educador e educandos e educandas.

METODOLOGIA: O instrumento de coleta de dados será a entrevista reflexiva, na qual serão realizadas duas ou três entrevistas semiestruturadas com o educador da oficina pedagógica de Capoeira. As entrevistas pretendem ocorrer no segundo semestre do ano de 2021, por meio de encontros online no Google Meet com duração aproximadamente de 45 minutos à 1 hora. Em caso de instabilidade ou interrupção na rede de internet durante a entrevista, poderá ser remarcada para uma nova data e horário, respeitando a disponibilidade do participante.

Mediante a autorização do educador, as entrevistas pretendem ser gravadas em vídeo. As gravações serão acessadas somente pela pesquisadora e todo o material gravado será utilizado somente para a transcrição das entrevistas. Após a transcrição e análise de dados, as imagens serão excluídas, portanto, as imagens do participante não serão utilizadas publicamente ou compartilhadas.

As entrevistas reflexivas consideram o contexto e a reflexão das perguntas para gerar uma narrativa de diálogo e permitem o processo de retorno e de problematização, que pode transformar o olhar dos envolvidos na pesquisa, "reflexividade tem aqui também o sentido de refletir sobre a fala de quem foi entrevistado, expressando a compreensão dela pelo entrevistador e submeter tal compreensão ao próprio entrevistado" (SZYMANSKI, 2004, p. 15).

O objetivo da utilização de entrevistas semiestruturadas é trazer uma estrutura na entrevista para manter a coerência com os objetivos da pesquisa e compreender o discurso do colaborador da pesquisa, o educador, sem ter um controle rígido do diálogo.

A autora Heloísa Szymanski (2004) afirma sobre a utilização da entrevista reflexiva como instrumento de coleta de dados, no qual "esse instrumento tem sido empregado em pesquisas qualitativas como uma solução para o estudo de significados subjetivos e de tópicos complexos demais para serem investigados por instrumentos fechados num formato padronizado" (p. 10).

A condução da entrevista tem como os objetivos da pesquisa como base e para a elaboração da questão desencadeadora, que será o ponto de partida para o início da fala do participante. As questões terão como foco a experiência pessoal e profissional do educador com a Capoeira e no NAPE.

Após as entrevistas, pretende-se de acordo com os procedimentos das entrevistas reflexivas, a devolução, da qual trata-se de uma exposição da compreensão da pesquisadora sobre o relato do participante da pesquisa entrevistado. A devolutiva acontecerá no mesmo formato que as entrevistas, por meio de encontros online na plataforma Google Meet de aproximadamente 45

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235

Bairro: JARDIM GUANABARA

CEP: 13.565-905

UF: SP

Município: SAO CARLOS

Telefone: (16)3351-9685

E-mail: cephumanos@ufscar.br



UFSCAR - UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SÃO CARLOS



Continuação do Parecer: 5.012.202

minutos à 1 hora para compartilhar os dados da pesquisa ao participante.

Neste momento, o participante entrevistado, no caso desta pesquisa, o educador da oficina pedagógica, poderá apresentar modificações em sua narrativa geradas por um processo de reflexão (SZYMANSKI, 2004). Os mesmos procedimentos para o acontecimento da primeira entrevista se repetirão no evento das outras entrevistas.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Compreender e analisar os processos educativos desenvolvidos na prática social da oficina de Capoeira na vivência do educador.

Objetivo Secundário:

Os objetivos secundários desta pesquisa se incluem:

- A possibilidade de visibilidade do ensino de Capoeira no espaço escolar para crianças e jovens.
- Valorização da Capoeira enquanto meio de preservação e resistência das raízes sociais, históricas e culturais afro-brasileiras.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

A participação na pesquisa poderá resultar em cansaço ou alguns desconfortos as participantes por se basear no resgate de formas de trabalho já estabelecidas, relato e reflexão de memórias que podem não ser agradáveis. Podendo resultar em momentos de desconforto para o participante, os quais serão respeitados pela pesquisadora, que poderá interromper ou suspender e agendar, outro momento para continuidade da entrevista com empenho na redução dos riscos.

Benefícios:

O educador terá um material reflexivo sobre sua história, práticas, participantes e processos educativos. Desse modo poderá utilizar para reflexão crítica, avaliação, planejamentos e em projetos de captação de recursos. Além disso essa pesquisa contribuirá para o acúmulo de conhecimento gerado sobre os processos educativos relacionados ao ensino de Capoeira para crianças e jovens no ambiente escolar.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de uma pesquisa que deve seguir os preceitos éticos estabelecidos pela Resolução CNS nº

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235	CEP: 13.565-905
Bairro: JARDIM GUANABARA	
UF: SP	Município: SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-9685	E-mail: cephumanos@ufscar.br



UFSCAR - UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SÃO CARLOS



Continuação do Parecer: 5.012.202

510 de 2016 e suas complementares.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações"

Recomendações:

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações"

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Agradecemos as providências e os cuidados tomados pelos pesquisadores ao apresentarem a 3ª versão do protocolo de pesquisa ao CEP da UFSCar.

Seguem abaixo as pendências listadas no parecer anterior do CEP e seu status (atendida, não atendida, parcialmente atendida).

- 1 - carta de autorização da Instituição responsável pelo Núcleo de Apoio Pedagógico "Guido Dante" - atendida.
- 2 - adequação do valor do orçamento - atendida
- 3 - Adequação no cronograma do início da coleta de dados - atendida.

Assim, emito parecer favorável à aprovação do projeto de pesquisa.

Considerações Finais a critério do CEP:

Diante do exposto, o Comitê de ética em pesquisa - CEP, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS nº 466 de 2012 e 510 de 2016, manifesta-se por considerar "Aprovado" o projeto. A responsabilidade do pesquisador é indelegável e indeclinável e compreende os aspectos éticos e legais, cabendo-lhe, após aprovação deste Comitê de Ética em Pesquisa: II - conduzir o processo de Consentimento e de Assentimento Livre e Esclarecido; III - apresentar dados solicitados pelo CEP ou pela CONEP a qualquer momento; IV - manter os dados da pesquisa em arquivo, físico ou digital, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa; V - apresentar no relatório final que o projeto foi desenvolvido conforme delineado, justificando, quando ocorridas, a sua mudança ou interrupção. Este relatório final deverá ser protocolado via notificação na Plataforma Brasil. OBSERVAÇÃO: Nos documentos encaminhados por Notificação NÃO DEVE constar alteração no conteúdo do projeto. Caso o projeto tenha sofrido alterações, o pesquisador deverá submeter uma "EMENDA".

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235	CEP: 13.565-905
Bairro: JARDIM GUANABARA	
UF: SP	Município: SAO CARLOS
Telefone: (16)3351-9685	E-mail: cephumanos@ufscar.br



Continuação do Parecer: 5.012.202

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1751480.pdf	01/09/2021 16:08:46		Aceito
Outros	Carta_autorizacao_instituicao_coparticipante_SME.pdf	01/09/2021 16:07:47	BARBARA CRISTINA FRASSETTO	Aceito
Outros	Carta_Resposta_versao2.pdf	01/09/2021 16:04:17	BARBARA CRISTINA FRASSETTO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_versao2.pdf	01/09/2021 16:03:59	BARBARA CRISTINA FRASSETTO CANGIANI	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_versao2.pdf	01/09/2021 16:03:36	BARBARA CRISTINA FRASSETTO	Aceito
Folha de Rosto	FOLHADEROSTO.pdf	28/05/2021 16:59:01	BARBARA CRISTINA FRASSETTO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SAO CARLOS, 01 de Outubro de 2021

Assinado por:

Adriana Sanches Garcia de Araújo
(Coordenador(a))

Endereço: WASHINGTON LUIZ KM 235
 Bairro: JARDIM GUANABARA CEP: 13.565-905
 UF: SP Município: SÃO CARLOS
 Telefone: (16)3351-9685 E-mail: cephumanos@ufscar.br